

EVANILDO BECHARA

Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português

“L’histoire dès conjonctions se ramène presque tout entière à un effort toujours répété et, par nature, perpétuellement inutile pour obtenir des tours de phrase expressifs” (Meillet, *Ling. historique*, I, 171).

RIO DE JANEIRO

1954

Estudos sobre os Meios de Expressão do
Pensamento Concessivo em Português

EVANILDO BECHARA

Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português

“L’histoire dès conjonctions se ramène presque tout entière à un effort toujours répété et, par nature, perpétuellement inutile pour obtenir des tours de phrase expressifs” (Meillet, *Ling. historique*, I, 171).

RIO DE JANEIRO

1954

À memória do mestre diletíssimo e amigo inesquecível

M. SAID ALI IDA

(1861 – 1953)

A quem devo minha formação filológica.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS DA CONCESSÃO	8
CRUZAMENTOS.....	
CRUZAMENTO CONCESSIVO-CONDICIONAL.....	
CRUZAMENTO CONCESSIVO-CAUSAL.....	
CRUZAMENTO CONCESSIVO-TEMPORAL	
ADENDOS:	
EXCURSO HISTÓRICO	
A – FASE LATINA ATÉ O PERÍODO CLÁSSICO.....	
NÓTULA COMPARATIVA	
B – FASE ROMÂNICA	
HISTÓRICO DE ALGUMAS CONJUNÇÕES CONCESSIVAS COM ESPECIAL ATENÇÃO PARA O PORTUGUÊS QUINHENTISTA E SEISCENTISTA.....	
I – PONHAMOS QUE, POSTO QUE E SUPOSTO QUE	
CRUZAMENTO CONCESSIVO-CAUSAL.....	
CRUZAMENTO CONCESSIVO-TEMPORAL	
ADENDOS:	

II – CONCESSÃO COM QUE E QUANDO SEGUIDOS DE SUBJUNTIVO. MIGRAÇÃO DE ADVÉR-
BIOS. ANTECIPAÇÃO DE CONCEITOS. AINDA QUE E AINDA QUANDO. CRUZAMENTO CON-
CESSIVO – TEMPORAL

III – APESAR DE

IV – EMBORA

PROPOSIÇÕES

A) DE ORDEM GERAL

B) DE ORDEM PARTICULAR

BIBLIOGRAFIA

PREFÁCIO

O estudo que hoje entregamos à consideração dos doutos é apenas um capítulo mais desenvolvido de uma sintaxe histórica do pensamento concessivo, que trazemos entre mãos.

A exigüidade de tempo de que dispúnhamos nos não permitiu maior detença em outros pontos necessários aqui. Assim, omitimos o capítulo do emprego dos tempos e modos na oração concessiva, que fica para publicação posterior.

Empenhamo-nos em conferir, na medida do possível, todas as citações deste livro, inclusive aquelas exaradas pelas obras que consultamos. Salvo casos raríssimos, podemos afirmar que todas as passagens transcritas foram por nós cuidadosamente confrontadas. Redigidos estes estudos em dois meses e em altas horas da noite, não nos foi permitido visitar bibliotecas, cingindo-nos, portanto, aos volumes que possuíamos.

Fomos comedidos na exemplificação a fim de que este trabalho não tomasse maior corpo; em nosso fichário, porém, guardamos numerosos lanços para necessárias corroborações de que temos exposto.

O Colégio Pedro II tem brilhante tradição lingüística; a ele pertenceu e pertence a maioria de nossos mais talentosos investigadores: M. Said Ali, João Ribeiro, Capistrano de Abreu, Pacheco da Silva Júnior, para citarmos os que nos deixaram e de quem guardamos lições inesquecíveis e saudosa memória.

Assim, o Colégio não é só dos que nele estudam ou estudaram; é também daqueles que, como nós, aprenderam a venerá-lo pelo muito que contribuiu para o desenvolvimento de nossa formação intelectual.

É com este respeito e admiração que apresentamos ao Colégio Pedro II o nosso estudo de hoje.

Rio de Janeiro, 15 de maio de 1954.

EVANILDO BECHARA

FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS DA CONCESSÃO

Das Prinzip der Einteilung der Satzgefüge zu bestimmen ist schwer, sowohl für den Grammatiker (vgl. Delbrück: Vergleichende Syntax III, 406-416), als auch für den Logiker: "Nicht immer lässt sich ein gegebenes Urteil einer bestimmten Klasse einreihen; wie die Ausdrucksform, so kann auch der Gedanke zweideutig sein (W. Wundt: Logik I³, 196 apud Wedkięwicz, Materialien, 1).

1 – Se a hipotaxe representa uma fase adiantada dos meios de expressão do pensamento humano, a idéia concessiva, dada a complexa situação psicológica do falante, marca um dos últimos estágios da estrutura subordinativa.

2 – A concessão deve ter nascido no momento em que as declarações do falante sentiram o peso da argumentação contrária do interlocutor. A experiência do ouvinte nem sempre recebia de modo passivo tudo o que lhes narravam e com réplicas inteligentes esbarravam muitas afirmações que lhe chegavam ao conhecimento.

3 – A prática cotidiana habilitou o homem a pressupor, no correr de suas asserções, a objeção iminente. Enunciar o pensamento contando e obstruindo os obstáculos que o interlocutor ou interlocutores apresentariam era o propósito da idéia concessiva.

4 – Da objeção real do ouvinte para a hipotética do falante o caminho era assaz curto e o que era rebate à crítica passou, com o uso generalizado, à ênfase da idéia expressa na oração principal. É o caso da concessiva retórica.

5 – A estrutura do pensamento concessivo compreende dois aspectos distintos:

a) o hipotético ou condicional

b) o opositivo.

O aspecto hipotético consiste em o falante pressupor a objeção do ouvinte. O opositivo, em declarar que a objeção apresentada – real ou fictícia – não impede o cumprimento do fato expresso na principal.

6 – Note o leitor que nesta operação mental encontramos *condição* e *oposição*, mas nunca idéia *concessiva*, tomando-se o termo como designativo da desistência de nossas opiniões num acordo com as de outrem.

7 – Em “não querem que eu vá; mas irei, ainda que chova”, onde está a concessão, a conformidade com a vontade alheia? Pelo contrário, a missão de *ainda que* é pôr em relevo que o suposto obstáculo não frustrará nem modificará, de modo algum, o propósito da oração precedente.

Mais notória ainda se torna a ausência de concessão, quando se exprimem tais pensamentos com as locuções *sem embargo de*, *não obstante*, *apesar de*.

8 – Porém a tecnologia gramatical emprega o termo para indicar a concessão que o falante faz às objeções do ouvinte, negando-lhes, contudo, a conseqüência que daí todos poderiam esperar. A concessão, vê-se, é puramente retórica e o rótulo gramatical atribuído a tais proposições apenas denuncia um dos aspectos da idéia concessiva.

9 – Melhor nos parece aqui a designação de *hipotéticas opositivas*, empregada por alguns tratadistas estrangeiros. Aqui, pelo menos, se atende ao conceito bipartido que encerra o pensamento concessivo.¹

CRUZAMENTOS

10 – Nem sempre se traçam demarcações rigorosas nos meios de expressão que traduzem a gama variada e complexa de nossos pensamentos.

11 – Novos modos de dizer muitas vezes representam enfraquecimento de expressões antigas que, invariavelmente não perdem de todo a força primitiva e passam a servir de relação estreita entre o conceito de ontem e o de hoje.

12 – O atribuir missões diferentes a um mesmo elemento gramatical é também responsável por inúmeros cruzamentos de idéias. A partícula *de* foi, na frase de Goelzer, a preposição favorita da latinidade posterior e desbancou múltiplos encargos de *ex* e *ab*.²

¹ Sandfeld, lembrado por Boer, fala de “proposition d’opposition” (*Synt.*, p. 169, n. 41). Justificando o título *concessivo*, empregado na sua *Syntaxe du Français Moderne*, comenta Boer: “On pourrait asmettre un sous-groupe de *concessives adversatives*, à côte de *concessives hypothétiques*, etc. Mais ce système mènerait loin aussi, et serait à peu près impraticable. N’oublions pas que le groupement de toutes ces nuances est bien moins important que des analyses exactes! Pour toutes ces raisons, nous conservons ce grand groupe a “classique” des *propositions concessives*, malgré le fait que ce groupe a beaucoup moins d’homogénéité que les autres groupes de propositions adverbiales, malgré le fait aussi que le nom qu’on donne à ce groupe n’est pas très heureusement choisi. Nous respectons ainsi une longue tradition, qui, malfré tout, ne manque pas d’avoir ses raison d’être” (p. 172).

A clareza da expressão diminuíra e se foi sentindo necessidade não só de distribuir as funções da preposição *de* por outras partículas, mas também, para não repetir-se o fenômeno anterior, de buscar socorro às criações novas.

13 – A lógica popular não faz separação rigorosa entre o pensamento condicional, o temporal e o causal. Chamou a atenção para este fato B. Dimand (*Zur rumänischen Moduslehre*, p. 3), citado por Wedkiwicz no trabalho que escreveu sobre as orações condicionais em italiano.

14 – Nascer tais hesitações no próprio intelecto humano e manifestam-se, portanto, na expressão dos pensamentos por meio da linguagem em geral. Trataram do assunto Delbrück na *Vergleichende Syntax* e W. Wundt no seu tratado de Lógica.³

CRUZAMENTO CONCESSIVO-CONDICIONAL

15- Vimos que a estrutura do pensamento concessivo pressupõe uma condição cuja conseqüência será negada na proposição complementar. Esta operação mental aproxima os dois tipos de expressão que se confundem na análise subjetiva da linguagem, realizada pelo falante:⁴

“...fazia-os aprender as orações com tanto cuidado, que em hum mes as sabia todo o lugar, *por grande que fosse*” (Luc., *Vida*, 1, 161); “*Por muyto que elle* (demônio) *procure* semear o joyo no meyo do trigo, sempre montam mais os (bens) que o senhor cria e conserva” (*id. ibid.* 1, 137); “...vejo que não és elle, *nem que o fosses* te abriria” (Ferr., 2, 477); “... filho, essas cousas são leves; e, que *fossem graves*, é certo que ainda têm remédio” (Bern. *N. Flor*, 3, 340); “Nunca mais comeu nem bebeu, e como era velho finou-se. Fazendo assim, *fôra moço e se finara*” (Herc. *M. C.* 1, 15); “...nem tu do excelso Júpiter decretos podias revogar; *nem que o puderás* te achavas lá (Cast. *Met.*, 101)⁵;

² E. Richter prendeu ao latino *ab* alguns empregos do francês *à* e do italiano *a* e *da*. O francês *dès* e o provençal, castelhano e português *des* relacionam-se a *ex*. Cf. E. Richter, *Ab im romanischen* e M.-Lübke, *Einführung*³, § 217. Sobre a relação entre o português *a* e as partículas latinas *ab* e *ad* escreveu Richter ligeiras observações às páginas 92-94 do seu mencionado trabalho, modernamente (Sävborg, *Les sources*) volta à proposta de Tobler, prendendo o francês *des* à expressão latina *de ipso* (sc. *Illo tempore*; ps > ss > s). Cf. a discussão em M.-Lübke, *Gram.* III, p. 291-292, *REW*, 2514 e Norberg, *Beiträge*, 78 n. 2, que considera a etimologia de Sävborg bem fundamentada.

³ Encerram finas observações as páginas escritas pelos talentosos Mauthner em *Beiträge* e Paul em *Prinzipien*. Fora do domínio românico, a bibliografia é também variada. Na coletânea em homenagem a Collitz, Ercson estudou os múltiplos empregos de *swa* no antigo inglês. Cf. *Studies in honor of Hermann Collitz*. Baltimores, 1930, p. 159-175.

⁴ Sobre a análise subjetiva (da parte do falante) e objetiva (fundada na história) veja-se Saussure, *Curso*, p. 293 e seguintes.

⁵ Cf. o *nem que* equivalente ao alemão *als ob* (como se): “...ao partir, cada qual suave beijo na parede insensível pregava, *nem que* o terno penhor chegar pudesse aonde o dirigia o pensamento” (Cast. *Met.*, 176).

“Tens um longo futuro deante de ti. E, ficando, o que te espera? – *A morte que fosse*, a morte de miséria e de fome, ficava” (Dinis, *Morg.* 2, 91); “...cinco (contos) *que fossem*, era um arranjo menor, e antes menor que nada” (M. de Assis, *Q.B.*, 21).

16 – Com razão, observa Wedkiëwicz que nem sempre a hipótese que se formula na idéia concessiva assume significação de importância, como se pode observar no seguinte lanço: “Io veggio che tu credi questi cose, perch’io le dico, ma non vedi come; sì che, se son credute, sono ascose” (Dante, *Paradiso*, XX, 88-90).

17 – No italiano, lembra ainda o citado autor que era freqüente o emprego do simples *si*, sem a precedência de um *et* ou *bene*, como introdução do pensamento concessivo. De sua extensa lista extraímos as passagens:

“Ella ae una corona ki val un grand tesoro, no vale tanto sto mundo, s’el foso tuto d’oro (Katharinalegende hrsg. v. A. Mussafia, SAW, LXXV, 227-302); *Se* noi due nomi avemo, quasi una chosa semo (Br. Latino, Tesoretto, 1593-1594, hrsg. v. B. Wiese, Zrq. VII, 236); “*Se* più che crini *avesse* occhi il marito, non potria far che non fosse tradito” (Ariosto, *Orl. Furioso*, XXVIII, 72); “Nostra parte che vencerá, *s’avesse* incontra Marte” (ib. XXXVIII, 64).

18 – Em catalão, aponta Par exemplos de Metge, onde a conjunção condicional *si* adquire matiz concessivo. Damos do fenômeno pequena lista de trechos:

“*si mi has perdut* qui era ton senyor tant bo o mellor lo has cobrat” (174); “*si jo he trobada aquexa gracia singular* per ventura no la trobaras tu” (1311); “*si les dones erren* sis fan los homens” (3380); “*si arals veus* ades nols conexeras (3471).⁶

19 – Na *Chanson de Sainte Foy* as orações concessivas e condicionais são introduzidas por *si* com o verbo no indicativo: “*si* per oblid non i mespris (= à moins que), verso 398;⁷ *s’* ag fort la malla (- eût-il), verso 583; *si.m* son sana o *si.m* doill, verso 263 (nas orações disjuntivas, o verbo pode estar no subjuntivo: O sia jovens o canuz, verso 450).

Mais tarde, o provençal passou a designar a concessão com maior valor expressivo por meio de *si tot* e *si be* (cf Hoepffner, *Chanson*, I, p. 191-2 e 335 e M.-Lübke, *Grammaire*, III, § 648).

CRUZAMENTO CONCESSIVO-CAUSAL

⁶ *Sintaxi*, § 967, p. 380.

⁷ Em nota a este verso, discute Hoepffner a possibilidade dupla de se interpretar o *si* como conjunção condicional e copulativa. Termina por aceitar, aliás bem, a primeira hipótese (p. 313, vol. I).

20 – A concessão – di-lo Ginneken⁸ – é o oposto lógico do conceito causal, porque ela dá a razão do contrário da principal. E acrescenta:

Dans la subordonnée concessive nous sentons la principale, et dans la principale nous sentons encore l'antithèse qu'exprime la subordonnée. P. e. Pour grands que soient les rois ils (n'en) sont (*pas moins*) ce que nous sommes. Le concessif *pour ... que* fait pressentir le sentiment entend l'écho de la subordonnée que précède (*ib.* § 176).

21 – O gramático e o lógico não conseguem acompanhar a operação mental que vai do conceito concessivo ao causal.

A realidade lingüística, porém, registra a migração complexa, ainda que não seja tão freqüente como outras mutações. Diez lembrou o histórico interessante do espanhol *supuesto que*, expressão empregada, primitivamente, para denotar suposição e que passou a traduzir o motivo, a cujo conceito é estranha qualquer idéia hipotética (in dessen Begriff nichts weniger als eine Voraussetzung).⁹

Supuesto que usou-se também no sentido concessivo à maneira de *puesto que*.

22 – Em pensamentos concessivos do tipo: “...por curto que fosse o espaço, logo se recolhia consigo” (Sousa, *Arc.* 2, 262), a preposição *por* representa um vestígio da idéia causal. Procura-se, com estes torneios, uma concessão mais intensa e *por grande que seja* vale por *ainda que seja ilimitadamente grande*.

23 – Pode ainda, nestes casos, ocorrer a elipse da preposição: “...acodindo (as matronas) a qualquer obra, *servil ou arriscada que fosse*, pomptas e oportunas” (J. F. de Andrade, *Vida*, 152); “Creceo a obra e perigo nos cercados, porque como os altos da fortaleza estavam desmantelados, pouco que subisse o terrapleno, ficava igual ao muro” (*ib.* 156).

Adendo – A expressão *uma vez que*, nos exemplos abaixo, pode pertencer à idéia condicional e concessiva, nos dois primeiros e à causal, no último:

“Nas Cortes da terra dezeja o pretendente que saya a sua petição, na do Ceo deseja que entre; porque huma vez que a petição foy tal que podesse entrar, infallivelmente sae despachada” (Vieira, *Serm.*, II, 101); “He certo, que o pay não obrou prudentemente no que concedeo áquelle filho, e mais quando o devia conhecer; mais huma vez que lhe deu a elle a sua parte, procedeo coherentemente em dar também ao outro a sua (*ib.* 103); “...huma vez que são estrellas, não podem faltar estes mathematicos, que lhes medem a magnitude, calculam os movimentos...” (Bernardes, *N. Flor.* II, 308).

⁸ *Príncipes*, p. 140, § 176.

⁹ Grammatik, III, 1021 n.º 2 (323-4, n.º 2). Sobre o português *suposto que* acrescenta o notável estudioso alemão: “O português *suposto que* não fugiu da acepção antiga, porém *posto que* veio colocar-se ao lado do espanhol *puesto que*”. Sobre tais meios de expressão, veja-se mais adiante o estudo que lhes consagramos.

CRUZAMENTO CONCESSIVO-TEMPORAL

24 – As relações entre o pensamento concessivo e o temporal se estreitaram pelos contactos deste último com a idéia causal e a condicional, como passaremos a ver.

25 – É sabido que algumas conjunções causais representam antigas temporais. Diz e M.-Lübke apontam numerosos exemplos, dos quais lembraremos:¹⁰

a) o italiano *giacchè, poichè, poscia que, daschè, quando* (aliás raro), *siccome*: “*giacchè io non ci era, non mi nominare*”; “*poichè la carità del natio loco Mi strinse, raunai le fronde sparte*” (*Inf.* 14, 1); “*perchè ardire e franchezza non hai, poscia che tai ter donne benedette curan di te...?*” (*Inf.* 2, 123); “*dacchè tu vuoi saper contanto dentro (addentro), dirotti brevemente, mi rispose, perch’io non temo di venir qua entro*” (*Inf.* 2, 85); “*così stimo quando a lasciare il campo è stato il primo*” (Ariosto, *Orl. F.*, I, 67).

b) francês: *quand* (mais freqüente no francês antigo que no italiano), *comme, puisque*: “*quand n’ai ton fill, ensemble od tei vuel estre*” (*Aléxis*, 30)¹¹; “*comme notre héros se voit près d’achever, c’est peu pour lui de vaincre, il veut encor braver*” (Corneille, *Hor.* 4, 2); “*null recouvrier n’i a puis qu’est ochis*” (*Huon de Bordeaux*, 8418).

c) provençal: *si com, quant*: “*Francês si quon es abdurat sobre totz e li plus prezat, paresca qu’us non remanha, companh que. 1 reis aja mandat que ja mais no seretz prezat, si non etz en la mesclanha*” (*B. Born*, 14, 15)¹²; “*quant es fers, no preza Olivier*” (*Fierabras*, 891); “*vos amer’ieu, quan aissi fui fadatz*” (*Choix*, 341).

d) espanhol e português: *ya que, pues que, como (que), já que* (arcaico *ca*), *pois que, como*: “*ya que me tratais así, que delito cometí?*” (*Cald.*); “*como me quieres bien, Sancho, hablas d’esta (desa) manera*” (*Quij.* 2, 23); “*y qué sé si me matava á mi (como era acelerado y loco) como hizo á aquella vieja que tenia yo por madre*” (*Celest.* 17); “*es posible? Como que yo lo vi*” (= como? Que yo lo vi = comment? Certainement je l’ai vu); “*já que minha ventura foi essa, necessario he segui-la*”; “*poisque perguntados*

¹⁰ A luta, na linguagem coloquial, entre *postquam* e *antequam* com as criações novas *postquod, posteaquod* e *antequod* (a que se ligam as formas românicas italiano *poichè, posciachè*, francês *puisque*, provençal *poisque*, espanhol *pues que*, português *pois que*, antigo francês *ainz que* e antigo provençal *anz que*) foi estudada por Norberg, *Syntaktische*, págs 240-242).

¹¹ “Na ed. de Rohlfs: *Quant n’ai tun filz, ansembl’ ot vei vo[e]il estre*” (*Sammlung Romanischer Übungstexte*, XV, p. 31).

¹² Pela indicação da Grammaire (II, pág XI), M.Lübke serviu-se do trabalho de Albert Stimming, Bertran de Born, *sein Leben und seine Werke* (Halle, 1879). Possuímos a 2ª ed. do livro que o mesmo estudioso preparou para a coleção de Wendelin Foerster (Romanische Bibliothek, n.º 8, Halle, 1913) cujo texto nem sempre é igual com o aqui transcrito: Frances, si com etz aburat | Sobre totz e li plus lauzat, | Parescha qu’us na remanha | Companh que · 1 reis aia mandat, | Que já mais no seretz prezat, | Si non etz em la mesclanha 7, vv. 56-60, p. 73).

somos, seja vos notorio que...”; “(Vênus) como hia affrontada do caminho, tão fermosa no gesto se mostrava” (*Lus.* 2, 34).¹³

26 – Não é estranha a várias línguas a relação entre o pensamento condicional e temporal. Wedkiëwicz aponta alguns exemplos italianos de frases temporais encabeçadas por *se*, alternando com quando e outras partículas temporais.

27 – A missão da partícula não é indicar a coisa ou a consequência, porém “qualidades ou fatos coincidentes nas coisas idênticas ou diferentes, cuja união de fato se afirma, mas sobre cujo motivo nada se expressa”. Segundo Sigwart (*Logik*, I³, 296-297, ainda citado pelo autor dos *Materialien*), a proposição “Cada vez que o relógio bate 12 horas morrem algumas pessoas”, não é um juízo hipotético, “pois onde a relação não se dá sem exceção, esta relação não pode ser necessária” (*ib.* 2).

Estamos diante apenas de uma ação repetida como acontece nos seguintes passos: “Come il ramarro, sotto la gran fersa de’ di canicular, cangiando siepe, folgore par, *se* la via attraversa: così...” (Dante, *Inf.* XXV, 79-81); Fuggíó como tuon che si dilegua, *se* subito la nuvola scoscende (Dante, *Purg.* XIV, 134-135).¹⁴

28 – A relação condicional-temporal favoreceu o emprego de *quando* em casos nitidamente concessivos, apontados por Wedkiëwicz: “Aucidatemi ¹⁵ adesso k’ eo vivo più trista ke *quand’* eo morta fosse” (Monaci, *Crestomazia*, 307, 20-21); “Ma *quando* fosse in servigio d’onore, son cierta che d’assai piaciera” (Chiaro Davanzati, Wiese, *Altital. Elementarbuch*, 213; 2^a ed. 178); “*Quando* tu sapessi la cagione ch’a vendar mi di costei mi mena, avresti affano d’aver, per comprar lei, fato a me danno” (Ariosto, *Orl. Fur.*, XXI, 12)¹⁶; “*Quando* anco così fosse, miracolo saria però” (Ariosto, *Negrom.*, Prologo).

ADENDOS:

1 – A estreita relação entre o conceito concessivo e o adversativo vem bem estudado na *Historische französische Syntax*, de E. Lerch, vol. I, 195 e seguintes.

¹³ Exemplos extraídos de Diez, *Grammatik*, III, 1021 (323-4) e M.-Lübke, *Grammaire*, III, 663-4. Cf. ainda Wedkiëwicz, *Materialien*, p. 2-3, onde vêm abonações romenas e reto-românicas. Para o fenômeno em idiomas eslavos ver Vondrák, *Vergl. Gram.* II, 514. Cf. em português moderno: Não me olha desde que chegou. Saírei, desde que mo ordenes (condicional-temporal).

¹⁴ As passagens são de Wedkiëwicz, que manda comparar o último lanço com o seguinte: “Folgore parve, *quando* l’a fende” (*Purg.* XIV, 131).

¹⁵ Lemos: Aucidetemi

¹⁶ Lemos: mene, compar

2 – Sobre o contacto dos pensamentos condicional e concessivo em latim, enceram boa doutrina e numerosos exemplos as investigações de Nutting, “The latin conditional sentence” (in *Studies* vol. 8, nº 1, p. 1-185).

3 – O histórico da migração do advérbio em *ainda quando* foi estudado pelo chamado mestre Said Ali, *Gram. hist.*, 259.

Dos inúmeros exemplos que perduram do primitivo *ainda quando* transcrevemos os seguintes, notando-se que o segundo pode ser tomado, ao mesmo tempo, no sentido temporal ou concessivo:

E *ainda quando* recebeu nesta vida alguns obséquios, como a hospedagem de Martha e a de Zacheo, dignar-se de a receber, foi grande mercè que fazia” (Bern. N. Flor. II, 150, ed. de 1708); “acompanhava, *ainda quando* já bispo, as procissõeszinhas das meninas da escola (*Ibidem*, 187).

4 – Observa Nyrop (*Gram. hist.* VI, § 364, Rem.) que os primeiros exemplos que se encontram de *quoi que* e *que que* serviam de exprimir o conceito temporal: “Que que il parloient einsi, Li rois de la chanbre issi, Ou il ot fet longue demore” (Ivain, verso 349); “Quoi que li feste estoit plus plaine, et Aucassins fu apoiés a une puë tos dolans” (Aucassin et Nicolette, 20, 12).

EXCURSO HISTÓRICO

A – Fase latina até o período clássico

1 – O latim clássico podia exprimir o pensamento concessivo por:

a) um número bem razoável de conjunções concessivas: *quamvis*,¹⁷ *quanquam*, *licet* – que, até a prosa clássica, não tinha valor conjuncional, mas de 3ª pessoa do singular de um verbo impessoal –, *etsi tametsi*, *etiamsi*, *ut*, *cum* e outras, ora empregando o indicativo, ora o subjuntivo:

Nihil agis, dolor! *Quamvis* sis molestus, nunquam te esse confitebor malum (Cíc. *Tusc.* II, 25, 61); *Quanquam* omnis virtus nos ad se allicit, tamen iustitia et liberalitas id maxime efficit (*id.*, *De off.*, I, 17, 56); Fremant omnes licet, dicam quod sentio (*id.*, *De orat.* I, 44, 145); Caesar, etsi nondum hostium consilium cognoverat, tamen ex eventu navium suarum fore id, quod occidit, suspicabatur (César, *B. G.* IV, 31, 1); Haec si tecum patria loquatur, nonne impetrare debeat, etiamsi vim adhibere non possit (Cíc. *Cat.*, I, 8, 19); Quod crebro videt (homo) non miratur, etiamsi, cur fiat, nescit (*id.*, *De divin.*, II, 22, 49); Ut quaeras omnia, quo modo Graeci ineptum appellent, non reperies (*id.*, *De ort.* II, 4, 18); Huius facultas cum facile vincat omnes superiores, tum indicat tamen, quantum absit a summo (*id. Brut.*, 64, 228).¹⁸

b) pronomes e advérbios relativos indefenidos: *quisquis* ou *quicumque*, *quotquot* ou *quotcumque*, *utut* ou *utcumque*, *ubiubi* etc.: “satius esse... quamcumque fortunam subire” (T. Lívio, 35, 13, 9); “pluris qualemcumque vitam honesta morte aestimantibus ad

¹⁷ *Quamvis* “quer dizer propriamente: quanto queiras, e i conjunctivo exprime de per si só a concessão” (Madvig, *Gram. lat.*, § 361, obs. 1). Exprimindo um grau, *quamvis* era quase sempre, no latim clássico, seguido de um adjetivo ou advérbio. No lugar de *quamquam*, em sentido concessivo, *quamvis* era já conhecido de Tito-Lívio e dos poetas da época imperial. Cf. Riemann, *Études*, 300-301, nota 4.

¹⁸ Todas as passagens foram extraídas da *Syntaxe*, de F. Antoine, § 233, p. 242-244. Boa reunião de exemplos se pode ver ainda em Draeger, *Hist. Syntax*, II, p. 763-773. Para o histórico da origem destas conjunções vejam-se Leumann, *Latein. Grammatik*, § 202, p. 288 e Lindsay-Nohl, *Latein.- Sprache*, p. 703, 15-13.

libertatem pervenire...?” (Sên. *Epíst.* 80, 4); “liberos suos quibusquibus Romanis... dabant” (T. Lívio, 41, 8, 10).¹⁹

c) um simples subjuntivo, emprego raro no antigo latim e freqüente a partir do período clássico, pela debilidade semântica de um anterior optativo desiderativo ou idéia volitiva:²⁰

1) latim antigo: dicat quod quisque volt: ego de hac sententia non demovebor (Plauto, *Persa*, 373); tu tibi istos habeas turtures (*id. Most.* 46); dum ille ne sis quem ego esse nolo, sis mea caussa qui lubet (*id. Trin.* 979); sane sint superbi: quid id ad nos adinet? (Cato, *Frag.* p. 25, 4 ed. H. Jordan).

2) latim clássico: sit sane, ut visus est (Cíc. *Rep.* 1, 32); sint sane ista bona, quae putantur, honores divitiae (*id. Tusc.* 4, 66); sit fur, sit sacrilegus, sit flagitiorum omnium vitorumque princeps (*id. Verr.* II, 5, 2, 4); sint sane ... liberales (Sal. *Cat.* 52, 12); Naturam expellas furca, tamen usque recurret (Hor. *Epíst.* 1, 10, 24).

Obs. Lembraremos que a estrutura *subjuntivo* + partícula *sane* foi a construção mais vigente no período clássico, quando o subjuntivo assumia valor concessivo.

NÓTULA COMPARATIVA

Palavras que suprem uma frase ou oração em relêvo dentro do período.

Sem ser de uso rigoroso, a oração principal poderia conter um termo (*tamen, at certe, saltem, nihilominus, etc.*) que avivaria a idéia concessiva da subordinada. Alguns passos lembrados anteriormente (§1) atestam este hábito.

O histórico de tais partículas latinas se assemelha ao dos elementos portugueses *contudo* e *todavia* (*entretanto, porém, apesar disso, não obstante isso, ainda assim, nem por isso etc.*), cuja classificação exata ainda foge a alguns tratadistas.

Se aparecem, no período, independentes de outra partícula, fazem as vezes ora de *mas*, ora de *ainda que*. Funcionam, portanto, como adversativas ou como concessivas.

¹⁹ Apud Riemann-Lejay-Ernout, *Synt. lat.*, § 14, p. 38-40. Advérbios e construções adverbiais com função conjuncional são estudados, especialmente, por Löfstedt, *Verm. Stud.* 47-55, *Beiträge* 24-30 e *Peregr.* 289-290. Cf. ainda Norberg, *Syntaktische* 243-251.

²⁰ Não está nos propósitos deste trabalho investigar a origem do sentido concessivo do subjuntivo latino. Sobre o assunto remetemos o leitor para as obras de Schmalz-Hofmann, *Latein. Grammatik*, 570, b (com boa bibliografia), Bennett, *Syntax*, I, 178 e Bassols, *Sintaxis*, II, 1, § 179, p. 460-463 (com lúcido resumo dos estudos anteriores). Os exemplos aqui apontados, extraímos-os da bibliografia inserida nesta nota. Ligeiras observações há ainda, sobre o emprego do conjuntivo-concessivo, em Wackernagel, *Vorlesungen*, I, 248.

Porém se colidem com a anteposição de *e* ou *mas*, ou se se empregam na dependência de outra oração delimitativa do pensamento principal, causam, de certo, arrepios ao analista de hoje como o *e porém, mas porém* dos *Lusíadas*, linguagem em que o poeta não via o significado da expressão pelo mesmo prisma por que o fazemos agora.

Nas combinações *e contudo, mas contudo, e todavia, mas todavia*, cabe somente a *e* ou *mas* o estabelecer a relação entre as duas orações coordenadas. Não é supérfluo nem pleonástico o segundo elemento da combinação. Deve entender-se como expressão parentética, como resumo de um enunciado anterior, destinado a avivar a atenção do ouvinte:

“Rumecan pasmava da brevidade com que os nossos repairavam tudo, e já se não sabia determinar, *e todavia* determinou de cançar os nosso...” (C. Dec. 6, 3, 8); “...indo matando nelles até os metterem pela Cidade dentro; *mas todavia* não foi sem damno...” (id. Ibid. 6, 4, 2); “...porque não quis commetter este feito contra vontade dos homens, porque o gosto, e o desgosto delles algumas, e muitas vezes dá, e tira a vitória; *mas todavia* não tardáram os de Goa dous dias que não chegassem...” (id. Ibid. 4, 1, 2); “...é verdade que esta indulgência e redempção está no sangue e paixão de Christo. *Mas todavia* as lagrimas do peccador compungido as vezes de sua paixão e sangue (Bern. N. Flor., II, 158); “...há condições obfirmadas... *Mas todavia*... grande força tem os benefícios (id. *ibid.* II, 211); “repare-se bem que o novilho esta va feito e perfeito; e, *com tudo*, não apparecia quem o fizera” (id. *ibid.* II, 286);

B – FASE ROMÂNICA

1 – A insistência com que determinadas palavras aparecem na comunicação dos pensamentos lhes diminui o valor expressivo. Se, em tais casos, persistir a palavra, remedeia-se o enfraquecimento com reforços que terão inúmeros e complexos destinos na estrutura fraseológica; se a vitalidade do vocábulo não suportar a alteração sofrida, criam-se novos meios de expressão.

2 – *A renovação das conjunções:* ²¹

Exemplo evidente deste ciclo indefinido de criações novas nos dão as conjunções. O uso constante desgasta o sentido ou o volume fonético destas partículas. O testemunho da evolução lingüística nos ensina que as conjunções de pequeno volume fonético, salvo exceções, não persistiram. Tomem-se, como exemplo, as conjunções latinas *cum* e *et*.

3 – A fuga à homonímia desempenha também papel importante na renovação das conjunções em busca da precisão analítica da linguagem.²²

4 – A maioria das novas conjunções românicas surgiu, principalmente, pela união de advérbios e conjunções + *que* e por perífrases nominais.

5 – *A influência latina*

Muitas destas criações novas românicas são devidas, consoante alguns tratadistas, ao estudo mais aprofundado do latim. A cronologia se opõe a esta hipótese. O fato de circularem tais inovações em período românico muito recente fundamentou objeção de estudiosos modernos.

6 – Wartburg, com a erudição que todos lhe reconhecemos, assim comenta o problema:

²¹ Com êste título publicou Meillet um bem pensado artigo no volume primeiro da miscelânea *Linguistique historique et linguistique générale* (p. 15-174 da ed. de 1948).

²² Embora em outro sentido, há inteligentes observações de E. Richter sobre homonímia em *Über Homonymie*, onde se encontra farta bibliografia. Cf. ainda Ullmann, *Précis*, 219-235.

Les phrases subordonnées devinrent donc de plus en plus fréquents. Plus la phrase se développait dans ce sens, plus certaines expressions prenaient le caractère de conjonctions. Il s'agit d'adverbe comme *bien*, *combien*, de pronom comme *quoi*, etc. En effet ce n'est qu'au 14^e siècle qu'on trouve attestées les conjonctions concessives *combien que*, *bien que*, *quoique*. Le latin vulgaire avait laissé disparaître *quamquam* et *quamvis*. Leurs équivalents français créés au 14^e siècle sont un produit du développement intérieur du français. On prétend que ces conjonctions sont dues à une étude plus approfondie du latin, qui aurait fait naître le besoin d'expressions correspondantes en français. Il me semble que la tendance générale de l'époque suffit comme explication (*Évolution*, 137).

7.1 – Cremos que não se deve erguer uma barreira entre as duas explicações, que se completam. Se atentarmos para que a hipotaxe é mais do terreno da língua culta, encontraremos aí os fundamentos que sustentam ou podem sustar a hipótese da imitação latina. Se o latim não foi a matriz das criações novas, serviu-lhes, contudo, de diapasão. O giro lingüístico nascido num idioma românico caiu no agrado de outros que dele passaram a servir-se de consoante os demais empréstimos. Assim, o italiano e o francês, em particular atenção, representam a porta por onde entraram algumas conjunções portuguesas.

7.2 – Não se há de desprezar também a influência de giros sintáticos germânicos no romance. O lingüista holandês K. Sneyders de Vogel Jr. (Het probleem, in *Neoph. XXXII apud van Bellen, La philologie romane em Hollande*, 293) estudou o problema desta influência sob mais de um aspecto, não se esquecendo das conjunções. O prestígio do original nas traduções da Idade Média permitiu a adoção de várias linguagens estranhas ao românico. (cf. *Os estudos de lingüística românica*, Suplemento bibliográfico da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. I, Coimbra, 1951).

8 – *Os principais meios de expressão do pensamento concessivo em românico*²³ são os seguintes:

a) o reforço do subjuntivo pela partícula *jam*, principalmente no galo-românico: **jam sit dortis* (antigo francês *ja soit il forz je ne le criem*, apud Bourciez, *Éléments*, § 256, a) deu origem às conjunções concessivas do francês antigo *ja soit que*, provençal *jassia que*, catalão *jatsia*, *jassia*, *jatsesia que*.²⁴

Primitivamente, *ja soit* era a oração principal cujo sujeito se representava pela oração de *que*. A construção plena, nos primeiros tempos, foi para o francês *ja soit ce que*, provençal *jassia aisso que*, catalão *ja ço sia que*.

²³ Pomos de lado os casos em que a concessão apenas se depreende pelo contexto sem que a circunstância seja expressa por conectivos inter-oracionais. A entonação pode aqui desempenhar papel importantíssimo, permitindo o emprego escasso da conjunção. O capítulo pertence a fenômenos de estilo que fogem à alçada deste trabalho cujo objetivo é estudar o histórico de conjunções concessivas no português. Dentre numerosa bibliografia, cf. Spitzer, *Aufsätze*, 253 e seguintes e Havers, *Handbuch* § 25.

²⁴ Sobre o catalão *jassia*, *jatsia que* em Bernat Metge ensina Par, *Sintaxi*, p. 378, n.: “Respecte a si regeix *que*, *lo Somni* porta passatges de tot, emperò són molt més abundosos quells ahont *jassia* va sens dita partícula. En *Valter* em cambi, quasi sempre llegim *jatsia que*”.

Caído no esquecimento o *ce*, a triunfante construção *ja soit que* passou, mais tarde, a ser mal compreendida e grafada, não se conhece a razão exata, *jaçoit que*. De uso freqüente como locução conjuncional no século XVI, *jaçoit que* aparece ainda no século imediato, na linguagem dos juristas. A partir do século XVIII os exemplos são raríssimos e devidos à imitação literária.²⁵

O advérbio *ja* (do latim *jam*) em tais construções concessivas denota, como o holandês *al*, “qu’on admet que l’action de la subordonnée est passée depuis quelque temps, mas que la conséquence naturelle ne se produira pas” (Vogel, *Synt. hist.*, p. 275).

b) o reforço das conjunções condicionais *quando* e *si* por um advérbio concessivo (italiano *quand’ anche*, francês *quand même*, italiano *sebbene*, catalão e provençal *si be*, espanhol *si bien* e português *se bem > que <*): “donna Olimpia saprà trarne profitto, quand’anco andassero deluse le sue speranze” (Capranica, *Ol. Pamf. 3 apud Meyer-Lübke, Grammaire*, III, p. 7123); “Et je cuit que rien ne vaudroit Quant fet ocirre vos avroie (Chev. *Lyon 2006 apud M.-Lübke, ibid.*); “Pedidme lo que gustáredes, que yo os juro de dároslo, si bien me pedésedes uma guedeja de los cabellos de Medusa, que eran todos culebras” (Cervantes *apud Bello, Gramática*, § 1274); “Os conceitos na língua escurecerão, se bem na turbação ficam patentes” (Mal. *Conq. I, 55 apud Reinhardstoettner, Grammatik*, p. 381); “Pagou o costumado censo à morte, se bem eterna vida lhe dá a fama” (*ibid.* V, 4 *apud Reinhardstoettner, ibid.*, p. 382).

Si be, freqüente hoje no catalão, é desconhecido nos escritos de Bernat Metge (Par, *Sintaxi*, § 962).

Meyer-Lübke nos dá perfeita lição sobre o histórico de tais linguagens:

L’adverbe se rapporte naturellement tout d’abord au verbe: cf. en a.-franç. Tere m’en voil a ceste feiz Si fust il bien reons et dreiz Que gie de la façon parlasse (Ben. Traie, 13800);²⁶ par um procédé qui peut également s’observer ailleurs, on représente comme étant particulièrement bon, particulièrement sûr ce qui, d’après la conviction la plus intime de celui qui parle, donne lieu à des doutes, et c’est ainsi donc qu’à la simple condition s’ajoute une nuance de concession (*Grammaire*, III, p. 723-4).

Notas:

1ª Meyer-lübke explica a nossa locução *se bem que* pelo cruzamento de *se bem* com a locução *bem que*, estudada mais adiante (*Grammaire*, III, p. 723-4).

²⁵ Lerch, *Hist. Synt.*, I, 194, nº 1 dá boa bibliografia para o giro francês depois de estudá-lo convenientemente.

²⁶ M.-Lübke serve-se da edição preparada por Joly (Paris, 1869-70, 2 vols.) cujo texto nem sempre representa a melhor leitura. Possuímos a edição organizada por M. L. Constans (Société des anciens textes français, 1904-1912, 6 vols.), segundo a qual poderíamos alterar aqui e ali a transcrição da *Grammaire*. Não o fazemos porque o fato gramatical registrado se observa nos dois lugares.

2.^a Para Bourciez seria possível que a oração concessiva, com enunciado irônico, se formasse com o auxílio do conjunto * bene habet quod, que apareceu no latim pós-clássico e se reduziu a * bene quod. Daí as locuções conjuntivas portuguesas bem que, francês e espanhol bien que, italiano benchè, provençal ben que, catalão be que. A cronologia se opõe a esta hipótese e o próprio Bourciez o reconhece: “Toutefois, les locutions conjonctives qui y correspondent n’ apparaîtront qu’assez tard dans les langues romanes” (Éléments, § 256 b). Cf. acima p. 24 §§ 5 e 6.

O francês bien que surgiu na época em que era uso generalizado agregar-se que às orações adverbiais.

Tratando deste assunto e opondo-se à proposta de Bourciez, assim comenta Vogel, com a erudição que o caracteriza:

On pourrait comparer aussi l’espagnol: *Bueno que* al hombre no se le deba exigir una fidelidad tan absoluta como à la mujer en el matrimonio..., pero eso de no hallarse nunca sin algún amorío..., Benavente, *Rosas de otoño*, II, 1, où nous saissions au vif la naissance d’une conjonction concessive. – La construction primitive semble pourtant avoir été *bien* non suivi de *que*. De même l’ancien italien se servait de *bene* seul, où aujourd’hui *benché* serait de rigueur, Voilà pourquoi nous croyons moins probable l’hypothèse d’après laquelle *bien que* serait primitivement un substantif indéterminé suivi d’une phrase relative, comme c’est le cas pour *malgré que* et *quoi que* (Synt. hist., p. 275, Rem.).

c) à maneira do latino *utinam*, acompanhando um subjuntivo desiderativo, desenvolveu-se, pelos países românicos do sul, o emprego da interjeição grega, *μαχάριε* na idéia concessiva (italiano antigo *macari*, italiano moderno *magari*, romeno *măcar*, espanhol e português antigo *macar*, *magar*, *maguer*).²⁷

“e quen á cuita tal. macar se morre nõ lle pz [praz]” (*C. da Ajuda*, 1, 18-19); “nem tall razom de temor por alguim grave pecado, macar os secretos da sua comçiemçia em confessom espersamente ouvira” (*Frades Menores*, II, 238); “... asy estava fora de sy e trapasado por tamta comsolaçom do esprito que, macar que aquelle fraire chamava muitas vezes, pasando por açerqua delle, nom no viia, nem frey Estevam nom ho (u) via ao dito fraire” (*id.* II, 220); “Non las podien poner en somo mager eran esforçados” (*Mío Cid*, III, verso 171); “Mager que mal le queremos, non gelo podremos ser” (*id. ibid.* verso 1524).”Mager que algunos pesa, melhor sodes que nos” (*id. ibid.* verso 3116).

d) desde cedo uma oração iniciada por elemento relativo, precedida de *pro* e em referência a um adjetivo ou substantivo de natureza atributiva passou a denotar a idéia concessiva em românico:

italiano: per bella che sai, non mi piace; Non ti nocia La tua paura, chè, poder ch’egli abbia, Non ti torrà lo scender questa roccia;

²⁷ Sobre o espanhol *mager* (pronuncie *maguer*) e *magar* cf. Menéndez Pidal, *Mío Cid*, II, 739 sub voce.

francês antigo: Meis por esmai que il em aient N'ont nul talant que il se randent (*Cligès* 1508); ²⁸ "pours grands que soient les rois, ils sont ce qui nous sommes" (Cornille, *Cid*, 157);

espanhol: un su girifalte avia tantos guermezes que, por muchos quel sacaban, si-
empre tenia las llagas llenas (*L. Caza* p. 57, 14-16); no habia armadura, por fuerte y en-
cantada que fuese, que se la parase delante (*D. Quij*, 1, 18); por de estado grande e
señorío que fuese (*Amadis*, 4, b);²⁹

português: E tão perfeitamente esta a alma em hũ membro como em quoaquer ou-
tro, por nobre que seja (Gomes, *Tractado*, 46); e era necessario fazer antes algũa deten-
ça por ocaioens que se offerecião: por curto que fosse o espaço, logo se recolhia consi-
go (Sousa, *Arc.* 2, 261-2); Outras vezes não bastava nenhum rumor por grande que fosse
(*id. ibid.*, 2, 262); e de tal maneyra se applicava a sua meditaçoens, que por comprido que
fosse o caminho, dava muy pouca fé delle (*id. ibid.* 2, 263).

e) adjetivos, pronomes e advérbios relativo-interrogativos de valor indefinido,
presos a uma forma verbal de *esse* (*re*), *velle*, *volere* ou *quaerere* e acompanhados ou
não de relativo, podem exprimir a idéia concessiva em românico. Os seguintes exem-
plos são do notável Diez que, de passagem, anota a diferença, no emprego dos modos,
entre o românico, que usa do subjuntivo, e o latim, que se serve do indicativo:

italiano: *chi che l'abbia detto e chiunque l'abbia detto* (quisquis id dixit); *che che*
questo sia (quidquid id est); *chenti che elle si fossero* (qualescunque fuerunt); *ovunque*
ella sai (ubi ubi est); *comunque si sia* (ut ut est);

espanhol: *quienquiera que seais*; *em qualquiera manera que sea*; *comoquiera que*
ello sea;

português: *quemquer que seja*; *qualquer cousa que suceda*; *como quer que appare-*
cesse o inimigo;

provençal: *qui que m'en tengues per perjur*; *cui que plassa*; *que qu'om vos dia*;
que quel corps faça, Boécio, 155; *qual que-s vuelha*; *em qualque loc que sia*; *quoras*
qu'ieu fos grieus, *Choix des poésies des Troubadours*, III, 195; *quoras que-s vol* (indi-
cativo, Boécio, 185; *on qu'ilh estey*; *cum que sia*;

²⁸ Lemos *an* na ed. que possuímos e que M.-Lübke, cita, i.e., a preparada por Foerster, Halle, 1884, p. 60. Para a variante *an-en* cf. a *Einleitung* §4, p. LV da referida edição de *Cliges*.

²⁹ Todas as passagens até aqui transcritas são de M.-Lübke, *Grammaire*, III, p. 709-710. Tilander, na sua preciosa edição de *Los fueros de la Novenera*, aponta a construção como freqüente no text: "La construc-
ción *por* + substantivo + *que* + verbo em el subjuntivo es frecuente con sentido concesivo como en atin-
guo francés: por furto que faga 52, por ferme que sea 135, por testimonias ningunas que meta 146, por
clamant ninguno que uenga 147, por baraila que aya um uezino com outro o contienda 177, por fiança
que tienga 242, por ferme que dé 291" (*Introducción*, 37).

francês: qui que ç'ait été; quoi que vous dissiez; quel que soit son mérite; quelque personne que soit (*Grammatik*, III, 1029; trad. francês III, 334-5).³⁰

f) uma oração iniciada por partícula alternativa e com verbo no subjuntivo serviu também de expressar o pensamento concessivo, desde que encerrasse a possibilidade de diversar ações que não obstruiriam a ação indicada na principal. Mais uma vez, ao subjuntivo românico corresponde o indicativo latino:

italiano: o vero o non vero che si fosse, morendo egli addivenne (sive verum fuit sive falsum etc.), *Dec.* 2, 1; sia o no stato, ciò nulla importa (sive fuit sive non fuit, nihil ad rem); il cielo, opra sua fosse o fosse altrui, celolla, *Ger.* 2, 10; o ira o coscienza che'l mordesse, forte spingava, *Inf.* 19, 119; vogliatemi bene, vogliatemi male, non m'importa niente.

espanhol: ya libres ó ya cautivos esteis, escuchadme, *Cald.* I, 139b; ora fuese visto, ora no; *D. Quij.* 1, 27; ahora calles, ahora hables etc. (o sentido disjuntivo se exprime facilmente por *ya* ou *ahora*); respondió que el pagaria, viniese ó no huesped alguno; mi padre era nuy igual, sea en lo adverso, sea en lo prospero;

português: irei, quer chova, quer faça bom tempo; quer lhi pes quer lhi praza (*CV* 444, 6); Porém da tentação que hoje lhe armãrão os homẽs, não bastava dizer não, para se livrar; porque ou dissesse não, ou dissesse si, sempre ficava no laço (*Vieira, Serm.* I, 777);

provençal: l'amarai, ben li plass' o li pes, *Choix*, III, 73; volgues o non volgues (francês antigo: vossist ou non); o sia que il sunt pupil o sia que non G. *Occitanien*, 91^a;

francês: qu'il soit brave guerrier, qu'il soit grand capitaine, je lui rabattrai bien cette humeur si hautaine, *Corn. Cid*; soit qu'il cède ou résiste etc.³¹

Destarte, a fórmula disjuntiva latina *sive... sive*, na expressão do pensamento concessivo, encontrou correspondente nos seguintes giros românicos, onde a partícula pode deixar de vir expressa, desde que não prejudique o sentido do contexto: italiano *sia... sia* (*sia... o*); espanhol *sea... sea* (*sea... ó*), *si quer... si quer*; português *quer... quer* (*ou... ou*); francês *soit que... soit que* (*soit que... ou que, ou*) etc.

³⁰ Ver também M.-Lübke, *Grammaire*, III, p. 705-6 com vários passos literários. Recentemente, Alf Lombard escreveu erudito e pensado artigo sobre tais indefinidos nas línguas românicas (in *Mélanges Walberg, St. N.*, XI, 1938). Era nosso propósito abrir um capítulo especial deste volume e comentar as idéias de Lombard, principalmente para o português e o espanhol. Porém o primitivo comentário se estendeu, tomou corpo e nos impediu aqui agregá-lo. S. Kärde critica o estudo de Lombard em *Quelques manières d'exprimer l'idée d'un sujet indéterminé ou général en espagnol*, Uppsala, 1943. A este trabalho respondeu Lombard (*St. N.* 20, 21-36).

³¹ Diez, *Grammatik*, III, 1030 (trad. francês III, 335); Epifânio, *Synt. hist.* p. 201; Huber, *Altp. Elemb.* § 502, 3.

g) a migração de advérbios – colocados na oração principal para que ressaltem a idéia expressa na subordinada – é responsável por uma série de novas criações conjuncionais. Isto nos ensina o histórico do português *ainda que*, *ainda quando* e o espanhol *aunque*.³²

³² “Mais alors il s’est produit ici un COMMENCEMENT DE COPULATION en ce sens qu’assez souvent on ajoute à la proposition partielle un adverbe d’intensité ou de temps qui est destiné à la faire ressortir, qui par ce moyen augmente son opposition avec la proposition verbale et par conséquent peut facilement avoir l’air de renfermer en soi l’idée de concession et par là d’exprimer le rapport réciproque des deux propositions. Il s’agit ici de termes comme en antigo italiano *tutto*, *ancora* et aussi aujourd’hui *in caso*... (Grammaire, III, p. 608).

HISTÓRICO
DE
ALGUMAS CONJUNÇÕES CONCESSIVAS
COM ESPECIAL ATENÇÃO
PARA O
PORTUGUÊS QUINHENTISTA E SEISCENTISTA

I – PONHAMOS QUE, POSTO QUE E SUPOSTO QUE

1 – Em *ponhamos que*, linguagem que outrora se usou para anunciar uma hipótese, o verbo tem a acepção de *assentar*, como ainda hoje aparece em *pôr o nome de alguém ou de alguma coisa numa lista, carta etc.*, com a única diferença que aqui nos referimos a um ato *material*, assentar por escrito, ao passo que na frase citada do português antigo, o verbo se entendia no sentido figurado.

2 – À mentalidade de hoje, tão afastada e diversa da de outrora quanto ao uso e significação de muitas expressões, parecerá que *ponhamos* pretenderia fazer as vezes de *suponhamos*. Hipótese sem dúvida cômoda, mas que se desvanece pelo testemunho dos documentos literários. Realmente, o vocábulo *supor* é de introdução moderna no idioma português. Estudá-lo-emos mais adiante.

3 – Servindo-se de *ponhamos que*, o indivíduo falante, querendo refutar com mais eficiência um pensamento alheio, a seu ver errôneo, concede, ou finge conceder, por um momento, o asserto ou veracidade, porém para defrontá-lo, mais adiante, com argumentação nova e convincente.

4 – Esta argumentação pode expressar-se por simples pergunta para a qual não se espera resposta satisfatória. É manha inteligente da pessoa que fala para abrir caminho à contestação.

5 – Excelente exemplo disto nos dá a pena do grande cronista português que foi Fernão Lopes. Ao Mestre de Avis, que aconselha à rainha mande requerer a el-rei de Castela que não rompa as tréguas, responde D. Leonor com firmeza:

“E ponhamos, disse ella, que lho envio eu rrequerir, e elle diz que nom quer fazer?”. Porém o Mestre sabe muito bem o que poderá succeder:

“Certamente, disse o Meestre, se lho vos enviasses rrequerir, e o ell fazer nom quisesse, emtom devees vos de juntar vossas gemtes e embargarlhe sua viinda a todo vosso poder” (*Crônica de D. João I, I, 32*).

— : —

6 – De *ponhamos que* procede *posto que*, linguagem esta em que a forma participial, à semelhança do ablativo absoluto da gramática latina, indica um fato consumado quer na realidade, quer somente por hipótese.

7 – Nestas condições, *posto* resumia uma oração e *que* figurava como elemento conjuncional da oração integrante de *posto*.

8 – Apagou-se, porém, com o decurso³³ do tempo, a consciência destas funções separadas dos dois vocábulos e *posto que* passou a ser entendido como uma só coisa, um só bloco significativo, como locução conjuntiva de oração subordinada a outra principal, podendo ser esta enunciada antes ou depois, ou ainda tendo intercalada a oração de *posto que*.

9 – Por fim, escusado será acrescentar que a locução conjuntiva pode referir-se tanto a uma oração inteira como a algum termo da oração, colocado em especial relevo.

10 – Da filiação a *ponhamos que* se infere que à locução conjuntiva ou – para nos exprimirmos mais concisamente – à conjunção *posto que* cabe de todo em todo a especificação de *conjunção concessiva*.

11 – Assim seria, sem dúvida alguma, se o desenvolvimento dos fatos lingüísticos obedecesse por toda a parte a critério rigorosamente lógico ou fundado naquela lógica por que estamos acostumados a raciocinar. *Posto que* não se limitou a levar em conta a objeção aduzida pelo modo de pensar ou sentir do ouvinte. Passou a usar-se, por extensão, para denotar também um fato certo ou provável na opinião do próprio indivíduo falante, mas que a outrem poderia parecer embargo ou impedimento à asserção principal.

12 – É de ver-se, portanto, que o caso não é bem de concessão. Contudo, a nomenclatura gramatical não pode atender a todas as sutilezas do pensamento humano, sutilezas que se não distinguem uma das outras por linhas rigorosas de demarcação.

13 – Assim, o nosso *posto que* figura de qualquer modo na categoria das conjunções concessivas.

14 – O Gama não quer mais do que assinalar a má fama que corre quanto aos etíopes em geral, e ao mesmo tempo dar o testemunho de uma exceção, ao exprimir-se nestes termos:

A gente que esta terra possuya
Posto que todos Etiopes erão,
Mais humana no trato parecia
Que os outros, que tão mal nos receberão:
Com bailos e com festas de alegria
Pella praya arenosa a nos vierão,

³³ “Discurso” por “decurso”.

As molheres comsigo e o manso gado
Que apacentavão, gordo e bem criado (*Lus.* V, 62)

15 – CRUZAMENTO CONCESSIVO-CAUSAL

Vimos que às vezes a idéia de concessão mal se distingue do conceito causal. Data talvez do português moderno o emprêgo de *posto que* em pensamentos causais, paralelamente ao sentido concessivo. Em espanhol antigo, *puesto que* significava *aunque*; só mais tarde ocorreu como sinônimo de *pues que*.

16 – Camões, que já escreveu em português moderno, poderia sem prejuízo do entendimento, ter usado de *visto que* – elemento que serve de introduzir um conceito de causa – em lugar de *posto que* nesta referência a D. João de Portugal:

Joane, a quem do peito o esforço crece,
Como a Sansam Hebreo de guedelha,
Posto que tudo pouco lhe parece
Cos poucos de seu Reino se aparelha (*Lus.* IV, 12).

*

* *

17 – Para demonstrar a antiguidade de *posto que*, linguagem ainda em voga no falar hodierno, poderíamos apontar um número infinito de exemplos extraídos de escritores tanto quinhentistas como pré-quinhentistas. Limitar-nos-emos a alguns exemplos onde o leitor facilmente notará que o uso moderno costuma pôr o verbo no conjuntivo em lugares que os clássicos de outrora soíam empregar o indicativo e vice-versa: Esta mundanall afeiçom fez a alguũs estoriadores que os feitos de Castella, com os de Portugall escrepverom, posto que homeẽs de boa autoridade fossem, desviar da dereita estrada, e correr per semideiros escusos... (F. Lopes, *D. João I*, I, 2); A Rainha per contrairro, posto que sua irmã fosse, nom era ell tamto em sua privamça e amor... (*id. ibid.* 6); ...bem certificou em seu penssamento seer verdade o que as gentes presumiam, posto que da pubrica voz e fama que a Rainha avia com o Comde, ell nehuũa parte soubesse; nem era alguũ ousado de lhe tall cousa dizer, posto que sse de sua desomrra com boom desejo doesse, rreçeamdo pena por gallardom... (*id. ibid.* 8); Ca, se o discipulo obedece e cõ maaõ coração e cõ vōotade triste e nõ tan solamẽte perla boca mas aynda no coração se murmurar, posto que já compla e faça o mandado que lhe encomendarõ, però já lhe nõ sera recebido de deus... (*Regra S. Bento*, 38); D'alli os pães semeados | ver a meus olhos deixarom, | que por não grados julgarom | mas, posto que forão grados, | eu sei que não me agradarom (*Crisfal*, 43, 37); Estando Pero Mascarenhas prestes pera a jornada, mandou fazer alardo da gente Portugueza, e Malayam que havia de levar, e achou Portuguezes quinhentos e sincoenta, em que entravam os quatrocentos da Armada de Francisco de Sá, - posto que Castanheda diz que não levou mais de trezentos (Couto,

Déc. 4, 2, 2). Vendo os inimigos a determinação dos nossos, (posto que elles estavam muito de ventagem em número de embarcações e gente,) não ousando a esperar, voltáram voga arrancada (*ib. ibid.* 4, 2, 2).

18 – Nos dias que correm, *posto que* tem par si missões em mais modestas do que em tempos idos. Sua ocorrência, em conceito concessivo, vai sendo desbancada por expressões sinônimas, mais conformes à necessidade enfática dos falantes modernos, *ainda que, embora, muito embora* (parece-nos mais portuguesa do que brasileira), *mesmo que* etc.

19 – Êste último giro representa um galicismo que penetrou no idioma português no século XIX e foi muito fustigado pelos puristas, aliás em vão. Corre hoje triunfante e ninguém, em sã consciência, ousará destituí-lo de tal encargo.

20 – POSTO QUE e SUPOSTO QUE na *Nova Floresta*

A *Nova Floresta* de Manuel Bernardes, obra vinda à luz nos primeiros anos do século XVIII, chama-nos a atenção para a sintaxe aí empregada em mutios fatos curiosos de linguagem, onde o autor se afasta de seus contemporâneos. Dentre tais particularidades de estilo, ressalta a preferência acentuada de *suposto que* a *posto que*, dando, porém, Bernardes ao verbo *supor* a significação de “entender como premissa um fato real”, e não imaginário, como hoje se noa afigura:

... tenho huma filha para casar e, supposto que he formosa, lhe faz não pequena fealdade huma alporca no pescoço (II, 113); ...tem de comprimento perto de 200 legoas supposto que hum cultor moderno o estende a 400 (II, 136); ...sentença daquelle imperador que, supposto [omissão de *que*] não tinha ainda a luz do Evangelho, fallou naquelle ponto como se já estivera illustrado com ella (II, 254); ... supposto que articulavam contra elle um facto verdadeiro, comtudo não era criminoso e a tenção delles era damnada (II, 295); ...supposto que outros o attribuem a S. Domingos e não nos toca decidir a contenda (II, 312).

21 – Italiano *posto chè* e espanhol *puesto que*.

Como o nosso *posto que*, assim também resultaram de duas proposições respectivamente o italiano *posto chè* e o espanhol *puesto que*. Confrontem-se os seguintes lanços:

“e pogniano ch’ella fosse morta, non ti doveresti perciò distruggere e lacerar per lei” (Monaci, *Crestomazia*, 331, 93-95); “posto che fosse del presente proposito, ancora non sarebbe sufficiente la mia lingua a trattare” (Dante, *Vita nuova*); “...sin que daño alguno recibiésemos, puesto que peleaban com mucho denuedo” (Cortés, 61, 16 *apud* Keniston, *Synt. cast.*, p. 356); “E puesto que ...haya habido algunas causas per do hayais

sospechado... tened por muy cierto que aquello no era por desamor” (Fern. de Córdoba, *Capitán*, XLIIa, 35 *apud* Keniston, p. 399).

*

SUPOSTO QUE, SUPOSTO: histórico e equivalentes.

22 – É fato comum exprimir-se com o verbo *achar* uma opinião ou impressão individual acerca de coisa duvidosa ou incerta. Isto como se a pessoa, revolvendo penosamente no espírito todas as probabilidades, “achasse”, por fim, a solução do problema: *Acho* que vai chover; ele *acha* que você é tolo etc.

É prática antiga que, a partir do período quinhentista, ou seiscentista, se vem generalizando no falar literário e coloquial: “Eu, disse, segundo o que tenho entendido da graveza da causa, acho que os que condesnastes este homem, julgastes justa e sabiamente” (Sousa, *Annaes*, 31).³⁴

23 – Os escritores portugueses empregavam o verbo *cuidar*, ora como que acariciando a pessoa como verdade mera suspeita, ora para dar a entender a cogitação, a meditação ponderada:

“E como entrou o verão, embarcou-se com alguns homens de sua obrigação, lançando fama [= boato], que havia de ir a Melinde, para onde comprou algumas roupas, e contas, e foi-se a Batalá, onde fez huma matalotagem muito á sua vontade com esta voz [=boato] de ir a Melinde, a que acudíram alguns mercadores Gentios, que mettêram na fusta algumas fazendas, o que elle dissimulou por amor dos marinheiros, que realmente, cuidavam que hiam para Melinde” (Couto, *Déc.* 5, 1, 2);³⁵ “... e andando em batalha, já depois de feridos ambos, e de muito grande espaço, no maior fervor, e braveza della, bradou o Principe alto, dizendo: *Ah falso, que trazes gente contigo pera te favorecer*: o outro virando o rosto, cuidando que vinha alguém, o Principe como era muito ligeiro, entrou com elle, e lhe deo huma estocada pela barriga ...” (*id. ibid.* 5, 5, 9); “Pera se aqui deter não vê razão, | Que inhabitada a terra lhe parece: | Por diante passar determinava; | Mas não lhe succedeo como cuidava” (Camões, *Lus.* I, 44 ed. Epifânio. O verso se repete em II, 70 e Faria i Sousa vê aqui reminiscência de non factum est ei sicut cogitabat, Machab. I, 6, 8); “Veyo o Espirito Santo sobre os Apostolos: e quando as lin-

³⁴ O português antigo já preparara ao verbo o terreno para a alteração semântica e, linguagens do tipo: “Crescendo na idade, foram também crescendo nelle os espíritos, e pensamentos de maneira, que sendo mancebo foi levado a Portugal, onde El Rey folgava de fallar com elle polo achar tão habil, e esperto ...” (Couto, *Déc.* V, 1, 2).

³⁵ No texto inédito da *Déc.* V, publicado por Jong, lemos:

“E fuisse a Batecalá onde comprou e contas e outras cousas pa. regatar cô os Cafres, deitando fama q hia a Melinde por causa dos marinheiros lhe não fugire. E em fim doutubro se fez a vella cõ os levantes e fuisse engolfãdo. Indo demandar a costa de Melinde forroulhou os marinheiros que se achavão embarasados. E sossegandoos cõ grandes promessas ...” (p. 71).

guas decisão do Ceo, cuydava eu que se lhes havião de por na bocca: mas ellas forão se por na cabeça” (Vieira, *Serm.* I, 56); “ A definição do prégador, cuydava eu, que era: Voz que arrazoa: e não, Voz que bráda” (*id. ibid.* 60); “Quem cuidais, que está tendo mão na peste, nas rayas do Algarve? Quem cuidais, que a está rebatendo, para que não entre em Portugal, senão a virtude daquele glorioso triunfador della ...? (*ib. idib.* II, 181).

24 – O falar de alguns lusitanos, desconhecemos de que localidade, deixa-nos a impressão de que *cuidar que* é mais usado em Portugal do que no Brasil.

25 – A linguagem *ter para si* ou *haver que* indica desdém pela opinião ou arenga alheia:

“Assim tambem vieram novas como Xequê Hamed, Guazil de Ormuz, era morto, que sendo convidado de Mrtim Affonso de Mello pera hum banquete, que dava em Torumbaque a João de Sepulveda, indo pera lá no caminho lhe atiráram á bésta, e o matáram, e sempre se suspeitou que o mandára fazer o mesmo D. Pedro de Castello-branco, porque tinha pera si, que elle mandára delle capitulos a Nuno da Cunha, porque o suspendêram da sua fortaleza” (Couto, *Déc.* V, 5, 7); “E como êste Fidalgo era forte de condição, (e tão mal soffrido, que dizem, que poucas vezes perdoou cousa que lhe fizessem, de que se não vingasse por todos os meios que pudesse,) tiveram todos pera si, que a morte do Guazil procedêra delle (*id. ibid.*); “Houve Hereges, que entendendo este mysterio ás avessas, tiverão para sy, que pela união hypostática a humanidade se fizera immensa... (Vieira, *Serm.* VII, 245); “S. Thomás, a quem seguem muytos, tem para si q são quatro; porque às tres sobreditas acrescenta o sentido commum...” (Bernardes, *Luz e Calor*, 22).

26 – Desataviado de circunstâncias e particularidades de situação é o modesto, surrado e tão sincero verbo *parecer*:

“... disselhe vegote homẽ de deus êtendudo parece-me que te gabas muyto sobre guissa” (*Barlaam*, p. 59); “... lâcey de mÿ todã affeyçã que auja aas cousas do mÿdo Eẽtom me parecerã aquellas cousas que verdadeiramẽte som boas. s. temor de deus” (*ibid.* 64); “Não vos pareça q corto o fio à pratica, antes vos quero mostrar o engano destes...” (Pinto, *Imagem*, I, 73); “Durou este trabalho do Senhor, e sua oraçam largas tres oras (segundo parece) nas quais... nam esquecido de suas ovelha e Discipulos os foy visitar tres vezes” (Tomé de Jesus, *Trabalho*, II, 5); “Não me parece mal que que nos vallamos das redes alheas, mas tambem havemos lançar as nossas” (B. do Quental, *Meditações*, II, 233).

27 – À teologia escolástica, com seus argumentos e sutilezas de lógica, devemos a introdução de *supponere*, “pôr em lugar de” e tantas outras significações que deste conceito primitivo poderiam brotar.

28 – O recurso representava prestimoso auxiliar para a linguagem e dele, realmente, se serviram os escritores, em especial atenção o estilo oratório.

29 – No domínio da língua portuguesa, a gente que ouvia pregação com o vocábulo *supor* não o entendia como forma de argumentação, e sim como sinônimo de *imaginar*. O estrito matiz semântico que a teologia emprestava ao termo estava acima da mentalidade da maioria do auditório que o entendia a seu jeito.

30 – Veiculado assim para a linguagem coloquial, o vocábulo *supor* não entra, de modo algum, na categoria das palavras herdadas do latim (alemão *Erbwort*).

31 – É termo que ocorre, por exemplo, nos dicionários de francês e alemão. Notemos, entretanto, que o francês “supposer” é tudo menos o latim *supponere*. Tome-se um léxico francês-latino e aí se verá uma lista de equivalentes latinos de *supposer*: *finġere, facĕre, ponĕre*, mas nunca *supponĕre*.

32 – Nenhum alemão, mesmo de cultura média, conhecerá o vocábulo *supponieren*, porque é palavra da linguagem jurídica de que o povo não tem notícia. Os correspondentes, em alemão, ao alcance de todos, são *unterschieben, unterstellen*: *unvermerkt und tauschend and die Stelle von etwas anderem schieben* (colocar uma coisa em lugar de outra, sorrateiramente e iludindo).

33 – Vieira, como sabemos, era amante desses jogos de palavras, dessas sutilezas de lógica, desses matizes semânticos de que o idioma português dispunha ou que foram criados pelo talento de nosso grande orador. Assim, a primitiva acepção de *supor* foi aproveitada em todos os sentidos pelo estilista que o não substituiria, nestes passos, pelo verbo *cuidar*:

“Ora supposto que a cõversão das almas por meyo da prégação depende destes tres concursos: de Deos, do prégador e do ouvinte; por qual delles havemos de entender que falta?” (*Serm. I, 18-19*); “Suppostas estas duas demonstraçoens: supposto que o fruto e effeyto da palavra de Deos, não fica, nem por por parte de Deos, nem por parte dos ouvintes...” (*id. ibid. 26*); “Supposto que o Ceo he prégador, deve de ter sermões e deve de ter palavras” (*id. ibid. 39-40*); “A Igreja dizme e suppoem que sou homem; logo não sou o pó” (*id. ibid. 90*); “Isto supposto e supposto que eu não sey dizer senão o que me diz o Evangelho...” (*id. ibid. II, 5*); “Deos julga como Juiz; os homens julgão como judiarios: entre o Juiz e o judiciario há esta differença, que o Juiz suppoem o caso, o judiciario adevinha-o” (*id. ibid. VII, 83*); “Suposto pois, que o Cordeiro vivo, e como morto, que S. João vio, era Christo, e Christo sacramentado...” (*id. ibid. 236*); “Mas se suppozermos, como devemos suppor, que no mesmo tempo por multiplicação das presenças assistiaõ os Apostolos em diversos lugares...” (*id. ibid. 249*); “Supposto pois, que a Cruz de Christo dividida hoje em infinitas partes, se há de recolher outra vez de todo mundo...” (*id. ibid. 255*); “O que supposto, pergunto...” (*id. ibid. 263*); “Para intelligen-

cia do grande prodígio, que encerra, se ha de suppor, que o homem he composto de duas partes...” (*id. ibid* 289); “Para prova desta grande consequencia supponho com a Fé, e com a Theologia tres cousas...” (*id. ibid* 290); “De sorte que o Verbo suppondo o futuro, e S. Gonçalo suppondo o passado, ambos cõ o mesmo amor, e com a mesma fineza” (*id. ibid.* 307).

36 – Passos há em que o orador agrega a *suppor* a explicação *no pensamento* por achá-la necessária; isto porque, entre os ouvintes do sermão, poderia haver gente culta bem a par do *supor* no sentido material: supor um testamento, uma criança etc.

37 – Nós, se fôssemos o padre e estivéssemos em tais situações, frisariamos, no púlpito, a pronúncia *sub-por* no pensamento, *sub-posição* no pensamento (tomando-se aqui *posição* no sentido de “ação de pôr”).

Quem sabe se Vieira não procedeu assim?*

* Bernardes, no seguinte lanço em que não deseja tomar o verbo *supor* para exprimir como premissa um fato real, mas imaginário, assim redige: “A que vay este homem à Igreja, se a Igreja he casa de oração, e elle taõ longe està de fazer oração, que antes impede aos que a estão fazendo? Porém em *falso supponho* que era homem: entrou alli como costimaõ entrar os cães, ou succede entrar alguma besta que se desbocou do freyo e do governo de seu dono” (*N. Flor*, II, p. 327, ed. 1708).

II – CONCESSÃO COM **QUE** E **QUANDO** SEGUIDOS DE SUBJUNTIVO.
MIGRAÇÃO DE ADVÉRBIOS. ANTECIPAÇÃO DE CONCEITOS.
AINDA QUE E **AINDA QUANDO**. CRUZAMENTO CONCESSIVO – TEMPORAL

1 – Na *Gramática histórica*, com a erudição que lhe é peculiar, ensina-nos o prof. Said Ali:

As partículas *que* e *quando* de per si bastam para denotar a concessão, uma vez que o verbo esteja no modo conjuntivo. Segundo esta primeira phase estão redigidos os exemplos: eu por huma parte hey dó deste coitado, *que* não seja mais que pelo pão que lhe como (Ferr. Bristo, 2, 396); e *quando* de seu cuidado e trabalho colham algum fruto, esse quando menos ficará onde nasceo (Vieira, *Serm.* 5, 356). Na segunda phase, insere-se na oração principal emphaticamente o adverbio *ainda*. Deste typo é: E *quando* a fortuna tanto mal me fizesse, ainda prestarei para chocarreiro de hum principe, que he o melhor officio que se agora usa (Ferr. Bristo, 2, 397). Exemplo de ultima phase, em que o adverbio se transfere para a oração subordinada: Toda a vida de Xavier era huma perpetua oração e contemplação, *ainda quando* parecia mais divertido (Vieira, *Serm.* 8, 320).³⁶

2 – O fato de se lembrar na oração seguinte um conceito, parcial ou total, expresso anteriormente por uma determinada palavra não é novidade em português, nem se adstringe às raias de nosso idioma. Primitivamente, tal prática teria surgido para que o ouvinte ou leitor não se perdesse diante do acúmulo de idéias e palavras.

3 – Era recurso de estilo de uma narração, de uma peça teatral ou de um sermão, onde o autor tivesse interesse na atenção permanente e despertada do leitor ou ouvinte. Com o correr do tempo, esqueceu-se a antiga contingência e passou-se a usar, indiscriminadamente, aquilo que era simples remate como peça essencial do conjunto.

4 – D. João I, por exemplo, costumava inserir na oração principal um *peró* ou *to-davia*, nas quais varia a partícula sem aparente alteração de sentido. Os escritores quatrocentistas, com D. Duarte e Fernão Lopes à frente, também seguiram as pegadas do autor do *Livro da Montaria*. A documentação deste fato se encontra fartamente no *Leal Conselheiro* e na *Crônica de D. João I*.

³⁶ *Lexeologia*, p. 259.

5 – O ofício de tais palavras memorativas é bastante para garantir-lhe encargo mais nobre. É o que se passou com o advérbio *ainda* tornado peça fundamental nas locuções conjuntivas *ainda que* e *ainda quando*.

6 – Assim, em *ainda que* vê-se que, antes da combinação de dois vocábulos para formar locução conjuntiva, a palavra *ainda* era advérbio pertencente à oração principal, onde indicava persistência da ação ou estado em face de um possível obstáculo, sucesso este mencionado logo em oração secundária:

“... o amor do Senhor, e o desejo de o imitar géra na alma hũa facilidade pera as obras das virtudes, tal q ainda q não tenha presente a materia dellas...” (Tomé de Jesus, *Trabalhos*, I, 5); “O mayor cabedal, que pòde dar o Mundo, he huma coroa. Mas ainda que as coroas são as que dão as Leys, não saõ mercadoria de ley” (Vieira, *Serm.* II, 5). “Faziaõ conta q tinhão por infallível, que o fogo condumiria os escritos Catholicos: e ainda que os seus tambem ardessem, já ficavão iguaes na causa...” (Sousa, *S. Domingos*, 5); “E ainda que elles os possão prover e conferir, não se segue por isso, que tambem os podem exercitar...” (*id. ibid.* 11).

7 – Como se pensava em fato vindouro, devia ser a nova oração iniciada pela conjunção temporal. Daí o aparecimento de *ainda quando*:

“Dize-lhes – atalhou o quingentario, cujos olhos faiscavas d’indignação – que eu respeito a vida de um aráuto, ainda quando este é um miseravel renegado, como tu ou como elles...” (Herculano, *Eurico*, 144).

8 – A mudança em *ainda que* explica-se por uma adaptação à maneira de formar outras locuções conjuntivas. O sentimento de linguagem não identifica aqui duas formas que se enquadram numa mesma classificação gramatical: *ainda quando* com *posto que*.

9 – A gramática não leva em conta a variante de sentido e o resultado é que são conjunções concessivas tanto *posto que* como *ainda que*. E como se não bastara esta divergência, além de outras análogas, a pobre da gramática ainda por cima vê seus critérios tradicionais abalados, quando um quinhentista ou seiscentista – vestígio da imitação de antiga dialética – nos mimoseia com algum *dado, mas não concedido que* ou vice-versa, como se houvera franco antagonismo entre as duas operações.³⁷

“... pois ainda dado, e não concedido, que a Armada sahisse de Lisboa no proprio dia, em que ElRei assignou o Alvará em Castro Verde, não podia ella chegar a S. Vicen-

³⁷ Já vimos que tais dúvidas e dificuldades para a classificação exata não são exclusivas do nosso idioma... Surgem as hesitações no próprio intelecto humano e manifestam-se na expressão dos pensamentos. É assunto largamente estudado por Delbrück na *Vergleichende Syntax* e Wundt no seu tratado de *Lógica* e em *Sprache*.

te nesse mesmo anno, supposta a noticia incontestavel...” (Madre de Deus, *Memorias*, 12); “Eu quero dar, e não conceder, que a Capitania de Pernambuco fosse doada em 1530...” (*id. ibid.* 80); “Ora dado, e não concedido, que depois da era de 1536 se dividissem as Capitánias amigavel, ou judicialmente pela Barra de Santos, nem por isso carcerião de novas cartas os donos das terras...” (*id. ibid.* 179).

10 – Com o decurso³⁸ do tempo, a expressão *ainda que* ou *ainda quando* não só se petrificou de tal sorte, que hoje nos é impossível dispor as palavras consoante o modelo primitivo, senão também passou a vir acompanhada de novo elemento reforçativo ou memorativo:

“E ainda que algũs sejam de obscura geraçam, todavia sam venerados e acatados e obedecidos...” (H. Pinto, *Imagem*, I, 133); “E ainda q tomar este cargo seja contra minha vontade, com tudo faço por cumprir com a vossa, e com a que tenho de vos servir” (*id. ibid.* 14); “Verdade he que ainda que a molher quanto ao matrimonio seja igual ao marido: com tudo no que se toca á disposição e governação da casa e fazenda, o marido he a cabeça da mulher (*id. ibid.* 2, 505); “A verdade inda que per algũ espaço esté cuberta, com tudo per tempo se ha de descobrir” (*id. ibid.* 2, 559); “Tem a verdade tanto poder, que não há machina, nem ingenho, nem artificio, que a possa destruir: em tanto que ainda que a causa não tenha defensor, ella per si se defende” (*id. ibid.* 2, 560); “Aindaque á verdade a morte d’aquella maneyra foy grave culpa, mas ella com sua furia não a teve por tal” (*id. ibid.* 2, 45).

11 – Expressão que concorria ao lado de *posto que* na linguagem portuguesa de outrora, *ainda que* tem sobre esta a vantagem de persistir, na expressão do conceito concessivo, nos dias que correm.

³⁸ “Discurso” = “decurso”.

III – APESAR DE

1 – Assim como a ferramenta de trabalho se embota e gasta com o exercício continuado, assim o *apesar de* do blasfemo e cotidiano desafio a qualquer santo, como segurança de promessa malvada, ficou na boca do povo português reduzido ao simples *pesar de*, seguido do nome do santo.

2 – A ordenação de D. Manuel, L. V, tít. 34, lembra o fato com mesmíssima linguagem, quando dispõe:

“E o que *pesar de* alguñ Santo, se for Vassalo, e di pera cima, pague quinhentos reaes pera quem o acusar; e se for piam duzentos reais pera quem o acusar”.

3 – A expressão *pesar de* desta e de outros itens das Ordenações manuelinas não faz nenhuma honra à gramática portuguesa. Nada mais é do que a gíria repetida na linguagem jurídica para facilitar o entendimento. Fora do caso do ímpio juramento, é certo que os escritores da época, como adiante veremos, não dispensam a preposição em *a pesar de*.

4 – Os tabus lingüísticos são responsáveis por um punhado de fenômenos curiosos, dentre as quais ressaltam as alterações dos nomes de seres sobrenaturais e coisas sagradas. Nascidos de sentimentos e modos de pensar que hoje não mais imperam, as línguas modernas, entretanto, guardam profundos vestígios da prática antiga.

5 – O *non assumes nomen Domini Dei tui in vanum* da Bíblia encontrou recomendação mais persuasiva aos homens na linguagem das leis. Além do mencionado trecho das Ordenações, lembramos aqui, para o francês, a declaração de 30 de julho de 1666:

...que ceux qui se trouveront convaincus d'avoir juré et blasphémé le nom de Dieu, de la Vierge et des Saints, seront condamnés, pour la premiere fois, en une amende pécuniaire, selon leurs biens, la grandeur et énormité du Serment et Blasphême... et en cas de récidive, seront, pour la seconde, troisième et quatrième fois, condamnés en une amende double, triple et quadruple, et pour la cinquième fois, seront mis au carcan, aux jours de Fêtes et Dimanches depuis huit heures du matin, jusq' à une heure après midi... et em outre condamnés à une grosse amen-

de, et pour la sixième fois, seront menés au Pilori, et là, auront la lèvre coupés d'un fer chaud, et pour la septième fois la langue coupée.³⁹

6 – A grave e pesada multa que ameaçava o infrator da lei (grave e pesada, porque naquele tempo não se adquiriam os reais com a mesma facilidade com que hoje se obtêm as centenas de cruzeiros⁴⁰) pôs um freio à menção de qualquer nome de santo de verdade. Mas o jurar era tão necessário como o pão nosso de cada dia. Na classe baixa, onde a simples palavra, ou um fio de guedelha ou qualquer penhor de honra não bastava para tranquilizar o semelhante, o homem esbarrava por toda a parte com a incredulidade de seus ouvintes.

7 – A esperteza huma encontrou uma saída inteligente para fugir aos castigos da lei sem desprezar o hábito do juramento: inventou nomes obsoletos para santos fictícios. Como a ordenação deixava de cuidar da categoria de tais santos, jurar por um santo inexistente não era nem blasfêmia nem crime; contudo, as pessoas daquela época, como leitor de hoje, muito bem sentiam os verdadeiros propósitos do falante.

8 – Daí, a par de outras juras que mais ocorrem nas comédias em que se procura fotografar a linguagem das pessoas de condição inferior (tirando-se daí também o efeito hilariante no auditório), as fórmulas *pezar de São Pisco*, *pezar de São Pote*, *pezar de São Barrabás* e outras, por vezes também simplificadas em *pes a São Pisco*, *pes a São Pote*, como vemos nas Comédias de Prestes e Gil Vicente:⁴¹

“Há hi, pezar não de São” (G. Vicente, *Obras*, I, 126); “Juro à sancta cruz de palha | Qu’hei de ver o que aqui’s tá” (*id. ibid.* I, 65); “De pulo, ou de voo? | Oh pezar de meu avô!” (*id. ibid.* I, 102); “Pezar de minha avó torta, que nem bocado dormi” (Pres-

³⁹ Brunot, *Historie*, IV, 1^e partie, p. 385-6. Sobre interdições de vocabulário no indo-europeu há um belo estudo de Meillet em *Ling. hist.* I, 281-291. Espalhada no substancioso *Reallexikon*, de Schrader-Nehring se encontra uma série de boas observações. A 2^a ed. do *Reallexikon* leva em conta as notas de Meillet no supra citado artigo. Cf. ainda Nyrop, *Grammaire*, IV, 270 e seguintes, Vendryès, *Langage*, 3^a parte, cap. III, Nyrop, *Leben*, cap. I, Mauthner, *Beiträge*, I, 59 e seguintes.

⁴⁰ A moeda brasileira, atualmente, voltou a se chamar *real*, mas era *cruzeiro* em 1954.

⁴¹ Para o francês, comenta Brunot, *idib.* p. 386: “Les jurons où les noms sacrés étaient déformés, tronqués ou remplacés, n’avaient jamais en la même gravité. Une commode hypocrisie faisait tolérer *ventrebleu* ou *morbleu*. A dire vrai, la conversation qui en était relevée sentait même son gentilhomme. Henri Estienne l’avait noté autrefois (*Dial.*, éd. Liseux, II, 149); Mlle. de Gournay le redit cinquante ans dans son *Lexique* de Molière (au mot *jurons*):

Gentilhomme, fils de Marchant,
Tu n’entens pas bien la noblesse...
Il faut parler d’une autre sorte;
Il faut dire en déterminé:
Mort! Teste! Sang! Je sois damné!
Je veux que le Diable m’emporte!”

tes, *Autos*, 329); “Trunfo, pezar não de São” (*id. ibid.* 381); “Pese a são Pote, tomae lá” (*id. ibid.* 403).⁴²

9 – Se nestas condições o termo *pesar* significava “causar mágoa, tristeza ou aflição a um ente dotado de sensibilidade”, tal conceito, amortecido e reduzido ao mero conceito de contrariedade, permitiu usar *a pesar de* junto de nomes que exprimem coisas insensíveis:

“Agora alcanço que... apesar de tão poucos annos, mettidos entre tantos enganos, era destino seu” (Bern. *N. Floresta*, II, 354); “... daqui veio o conservarem-se os virgineos candores, apesar do real estado, da viçosa idade” (*id. ibid.* II, 387); “... procurou ganhar e conservar a liberdade de satisfazer as obrigações de religioso, apesar das de cortezão” (*id. ibid.* II, 301); “... apesar de quantos golpes lhe deram os nossos...” (Couto, *Déc.* IV, 4, 7); “... a pezar delles [mouros] as vacas foram recolhidas aquella, e outra vez...” (Barros, *Déc.* II, 1, 5).

10 – Linguagem encontradiça quer nas obras anteriores, quer nas posteriores aos quinhentistas, é “*pesar de alguma coisa a alguém*”, querendo significar que esta coisa produz um sentimento de mágoa, desgosto, aflição, *pesar a alguém*.

Com o tempo, o conceito espiritual passou a denotar simples obstáculo. Com tais alterações semânticas, pôde a expressão ocorrer nos pensamentos concessivos: *apesar de (ser) rico* etc.

*

* *

Adendo:

1 – Gil Vicente não conhece *apesar de*; pelo menos não o emprega em português.

Constitui verdadeira novidade no teatro vicentino a expressão espanhola: *A’ pesar de mi linage* (III, 86).

⁴² Cf. ainda Lang. *Liederbuch*, p. 117 e 121.

IV – EMBORA

1 – Não constitui fato tradicional no idioma português o encabeçarem-se as orações concessivas com *embora*.

2 – Desconhecida de Camões e de toda a linguagem quinhentista, deve, sem dúvida, a sua gênese a uma criação nova de sintaxe, por amortecimento do sentido primitivo da expressão *em boa hora*.

3 – Nasceu *em boa hora* – já o sabemos – pela crença generalizada no antanho, segundo a qual a hora exercia influência decisiva nos atos humanos. O desejo sincero ou puramente delicado fazia que o falante acrescentasse a locução como sinal de bom argúrio ao interlocutor. O contrário da medalha era expresso por *em hora má*, cristalizada em várias expressões como *aramá, earamá, ieramá, eramá* etc.

4 – Pouco a pouco, o que era simples acrescento passou a ter lugar garantido na frase, adquiriu foros de cidade e hoje é exemplo de curiosa e instrutiva lição de vida das palavras.⁴³

5 – Nos exemplos que se seguem parece achar-se o germe de *embora* como conjunção, hoje tão em voga. Aqui ainda transluz a primitiva significação *em boa hora*, em sentido malicioso:

“E assi todo o que anda na terra, por muy justo que seja, poderà embora dizer, que está na sombra da vida” (Bern. *N. Flor.* II, 100 ed 1708); “Topa isto em nos convertermos em pó?... Embora, nõs promettemos ser corrupção, horror e bichos, enão ver, nem ouvir, nem abrir bocca, nem bolir comnosco de hum lugar...” (*id. ibid.* II, 107); “Va-se embora Platão com o seu Templo, que fingio na Ilha Athlantida... Va-se tãbem ainda mais longe Bacconio com a outra fingida Ilha Bensalem... Desappareça daqui o Tẽplo de Serapis... Tudo isto ou são fabulas, ou ninherias; nõs os mortaes... não atinamos a conceber cousa fermosa” (*id. ibid.* 122-3).

⁴³ Há circunstâncias especiais no emprego das referidas locuções que fogem aos propósitos deste estudo. Sobre o assunto, veja-se Said Ali, *Gram, hist.* p. 216.

6 – A origem da conjunção prende-se à antiga prática em que o advérbio ocorria em orações denotadoras de “que se concede [ou se finge conceder] a possibilidade do fato, ou que o indivíduo que fala não se opõe ao seu cumprimento” (Said Ali, *Gram. hist.* 217). E conclui o Mestre:

A principal passou a servir de subordinada, e a correlata despe-se da partícula *que*, convertendo-se em principal, dizendo-se v.g.: *embora honrem essas arvores os seus montes, os nossos valles não hão mister quem procure a sua exaltação os nossos valles não hão mister quem procure a sua exaltação*. Em Filinto Elysio, 14, XIX já se encontra: *embora cumpra o tradutor com esses tres deveres* (*ibid.* 217-18).

PROPOSIÇÕES

a) De ordem geral

I – Longe de nós a ousadia de propor se altere qualquer ponto de terminologia gramatical, geralmente aceita. Mas nem por isso deixaremos de assinalar uma ou outra designação inadequada que possa desencaminhar os estudiosos. Está neste caso o qualificativo *concessiva*, dado a certa espécie de conjunção.

II – As investigações sintáticas sobre o idioma português ainda não são tais, que caracterizem uma determinada fase lingüística nos aspectos sincrônico e diacrônico. A atividade dos estudiosos neste campo nos permitirá conhecer melhor as criações novas de cada época e determinar até que ponto influíram na sintaxe as relações do português com outras línguas, através dos empréstimos. Bons guias representam os trabalhos de M. Said Ali e Augusto Epifânio da Silva Dias. No capítulo das conjunções concessivas, o *Altportugiesisches Elementarbuch* de Huber pouco acrescenta às lições da ainda insubstituível sintaxe elaborada por Diez.

III – A evolução lingüística aproxima um punhado de conceitos entre os quais a análise não pode estabelecer pontos de contacto. Então aqui o cómodo expediente de Schleicher é usado e abusado para esteio de etimologomania.

IV – O histórico das conjunções é talvez o exemplo mais fiel do progresso na precisão analítica da linguagem.

V – O histórico das conjunções nos revela que nem tudo na língua é evolução.

VI – Ao lado das palavras gramaticais, a concessão pode ser indicada por tom de voz especial. Aliás, a entonação permite à língua coloquial fugir ao complexo sistema da hipotaxe, característica da língua literária.

VII – A migração de certos advérbios é responsável por uma série de novas criações conjuncionais.

b) De ordem particular

I – João de Barros, *Décadas*, usa não somente *posto que* e *ainda que*, mas também *peró que* como concessiva. Os exemplos são em menor número, porém são raros.⁴⁴ É particularidade, no período quinhentista, do mesmo modo que o simples *pero*, hispanismo. Não se encontra nem uma cousa nem outra nas *Décadas* de Couto ou nos *Lusíadas*.⁴⁵

Se não foi lapso de copista, a quem teria escapado o segundo vocábulo, *peró que* podia simplificar-se em *peró*: “NunAllvarez pero fosse moço quamdo esto ouvio, disse que lho tiinha em grande merçee...” (Fernão Lopes, *Cron. Déc.* III, 8, 5). Com indicativo: “Dahi a pouco tempo, ou que a ida destes espertou os de dentro do sertão, ou como quer que foi, veio uma grande cáfela de gente...” (*id.* II, 1, 2). O atual *seja como for* é conhecido também de Barros. Ver *Déc.* II, 1, 2 p. 22.

Não deve ser lapso, porque a páginas 69 da mesma obra de Fernão Lopes lemos novamente: “Nuno, pero tu sejas moço e de nova hidade, pareçeme que he bem e serviço de Deos e tua homrra, que tu ajas de casar”.

II – *Como quer que* pode assumir uma função diferente de concessiva: “Mas a manchua, ou que não pode [pôde], ou como quer que fosse, tornou dahi a dous dias...” (Barros, *Déc.* III, 8, 5).

O falante, pouco interessado, deixa a outrem o encargo de melhor explicar a causa.

III – A tradicional e estreita maneira de analisar os fatos da linguagem permite sublinhar com o lápis encarnado escrita de português. Mal sabe o menino que, se fora mais adiantado em anos e leitura, bem pudera apelar para os mestres da lídima vernaculidade.

IV – No teatro vicentino, há maior riqueza das conjunções nos escritos em *sollemnia verba*. É observação que se pode estender a outros autores.

V – À teologia escolástica devemos a introdução de *supor* e seus derivados. Os demais falantes, não entendendo o termo como forma de argumentação, fizeram-no sinônimo de *imaginar*.

VI – A expressão *pesar de* é gíria tabeliônica. Os escritores da época das Ordenações manuelinas não dispensavam a preposição em *a pesar de*. Gil Vicente, nas composições em português, desconhece *apesar de*.

VII – *Embora*, com função conjuntiva, é novidade dos séculos XVII e XVIII.

⁴⁴ Barros, *Déc.*; I Prol., 281, 290, 291, 300; II, 243, 247, 284, 292, 299; III, 119, 144, 205, 261 (citam-se volume e páginas).

⁴⁵ *Pero* (todavia): Barros, *Déc.* I, 236, 281; III, 121 (citam-se volume e páginas).

BIBLIOGRAFIA

LIVROS, REVISTAS, MISCELÂNEAS, COLEÇÕES E ARTIGOS⁴⁶

ABRAHAM, Richard D. *A portuguese version of the life of Barlaam and Josaphat*. Paleographical edition and linguistic study. Philadelphia, 1938.

ALIGHIERI, Dante. Vita Nova. *Le Opere minori di Dante Alighieri*, vol I. Edição preparada por F. Flamini. Livorno: Giusti.

ANDRADE, Jacinto Freire de. *Vida de dom João de Castro*. Lisboa: Typografia Rolandiana, 1786.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. Ed. Garnier.

BARLAAM and Josaphat. Cf. ABRAHAM.

BARROS, João de. *Da Asia de João de Barros*. Lisboa, 1778 (cita-se *Década*, livro e capítulo).

BASSOLS DE CLIMENT, M. *Sintaxis histórica de lengua latina*. Barcelona, 1945-1948, vols. Em publicação.

BELLO, Andrés; CUERVO, Rufino José. *Gramática de la lengua castellana con notas*. Paris: Roger y Cervoviz, 1903.

BENNET, Charles E. *Syntax of early latin*. Boston, 1910-1914, 2 vols.

BERNARDES, Manuel. *Luz e calor*. Reprodução fac-similada da edição de 1696. São Paulo, 1946.

⁴⁶ Obs.: Apenas citamos aqui os estudos que realmente utilizamos. O que não passou sob nossos olhos, ainda que tivéssemos notícia de sua existência, não está incluído nesta Bibliografia. Os trabalhos já clássicos de H. Johansen, *Der Ausdruck des Concessivverhältnisses im Altfranzösischen* (Diss. Kiel, 1884) e de F. Brüss, *Der Ausdruck des Kozessivverhältnisses im Mittel - und Neufanz* (Diss. Göttingen, 1906) nos foram úteis pelo que deles aproveitaram os tratados de Ettmayer, Lerch, Vogel, Brunot, Meyer-Lübke e Nyrop, entre outros.

———. *Nova floresta*. Reprodução fac-similada da edição de 1706. São Paulo, 1946. Consultou-se ainda a edição de Bruno.

BERNAT METGE. Cf. PAR.

BOER, C. de. *Syntaxe du français moderne*. Leiden, 1947.

BOURCIEZ, Edouard. *Éléments de linguistique romane*. 4^e éd. Paris, 1946. Com a colaboração de Jean Bourciez.

BRUNOT, Ferdinand. *Histoire de la langue française des origines à 1900*. Paris, 1905 e seguintes. 19 vols. publicados.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Reimpressão fac-similada da verdadeira 1^a edição dos Lusíadas, de 1572. Precedida duma introdução e seguida dum aparato crítico do Dr. José Maria Rodrigues. Lisboa, 1921.

———. *Os Lusíadas*, comentados por Augusto Epiphânio da Silva Dias. 2^a ed. Porto, 1916-1918, 2 vols. 1^a ed. 1910.

CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Metamorphoses*. Tradução de A. F. de Castilho.

CLIGES. Cf. FOERSTER.

CONSTANS, L. *Le Roman de Troie*, par Benoit de Saint-Maure, publié d'après tous les manuscrits connus, par L. Constans. Paris: Société des anciens textes français, 1904-1912, 6 vols.

COUTO, Diogo de. *Da Asia*, Lisboa 1778 (Cita-se *Década*, livro e capítulo).

———. *Década Quinta da "Ásia"*. Texte inédit, publié, d'après un manuscrit de la Bibliothèque de l'Université de Leyde, por Marcus de Jong. Coimbra, 1937.

CRISFAL. Cf. SILVA DIAS.

CUERVO, R. J. Cf. BELLO.

CV. Cf. MONACI.

DELBRÜCK, B. Vergleichende Syntax. In *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogerm. Sprachen, dritter bis fünfter Band*. Strassburg, 1893-1900.

DIEZ, Friedrich. *Grammatik der roman. Sprachen*, 5 Aufl. Bonn, 1882, 3 vols. Trad. Francesa de Auguste Brachet e Gaston Paris. Paris, 1874, 3 vols.

DINIS, Júlio. *A Morgadinha dos Cannaviaes*, 1918.

DRAEGER, A. *Historische Syntax des lateinischen Sprachen*. 2 Aufl. Leipzig, 1881, 2 vols.

EPIFÂNIO. Cf. SILVA DIAS.

ERICSON, Eston Everett. The use of old english swa in negative clauses. In *Studies*, 159-175.

ERNOUT, Alfred. Cf. RIEMANN

ETTMAYER, Karl. *Analytische Syntax der französischen Sprache mit besonderer Berücksichtigung des Altfranz.* Halle, 1930-1936, 2 vols.

FERREIRA, Antônio. *Obras completas*. Rio de Janeiro – Paris, 1865, 2 vols.

FOERSTER, Wendelin. *Christian von Troyes, Sämtliche Werke, erster Band Cliges*. Halle, 1884.

FRADES Menores. Cf. NUNES.

GINNEKEN, Jacq. Van. *Principes de linguistique psychologique*. Paris, 1907.

GOMES, Álvaro. *Tractado da Perfeiçao da Alma* (1550). Introdução e notas de A. Moreira de Sá. Coimbra, 1947.

HAVERS, Wilhelm. *Handbuch der erklärenden Sybtax*. Heidelberg, 1931.

HERCULANO, Alexandre. *Annaes*. Cf. SOUSA.

———. *Eurico o Presbytero*. 5ª ed. Lisboa, 1864.

HOEPPFNER, E.; ALFARIC, P. *La Chanson de Sainte Foy*. Strasbourg: Belles Lettres, 1926, 2 vols.

HOFFMANN, J. B. Cf. SCHMALZ

HUBER, Joseph. *Altportugiesisches Elementarbuch*. Heidelberg, 1933.

JESUS, Tomé de. *Trabalhos de Jesus*. Lisboa: Na Officina de Domingos Carneiro, 1666, 2 vols.

JONG, Marcus de. Cf. COUTO.

KENISTON, Hayward. *The syntax of castilian prose. The sixteenth century*. Chicago, 1937.

LANG, Henry R. *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal*. Halle, 1894.

LEJAY, Paul. Cf. RIEMANN.

LERCH, Eugen. *Historische französische Syntax*. Leipzig, 1925-1934, 3 vols.

LEUMANN, Manu. Cf. STOLZ.

LINDSAY, W. M.; NOHL, Hans. *Die lateinische Sprache*. Tradução alemã. Leipzig, 1897.

LÖFSTEDT, Einar. *Beiträge zur Kenntnis der späteren Latinität*. Diss. Uppsala, 1907.

———. *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheruae*. Oxford – Uppsala – Leipzig, 1911. Citamos a reprodução anastática de 1936.

———. *Vermischte Studien zur lateinischen Sprachkund und Syntax*. Lund, 1936.

LOMBARD, Alf. Une classe spéciale de termes indéfinis dans les langue romanes. In *St. N*, XI, Uppsala, 1938, 186-209.

LOPES, Fernão. *Crónica de D. João I*, segundo o códice nº 352 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Porto, 1945, 2 vols.

LUCENA, João de. *Vida do Padre Francisco de Xavier*. Excertos da Livraria Clássica de J. F. de Castilho.

MADVIG, Iohan Nicolai. Cf. SILVA DIAS.

MADRE DE DEUS, Gaspar da. *Memórias para a História da Capitania de S. Vicente*. Lisboa: Na Typografia da Academia, 1797.

MAUTHNER, Fritz. *Beiträge zu einer Kritik der Sprache*. 3 Aufl. Stuttgart und Berlin, 1921, 3 vols.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris, 1948 (I) e 1938 (II). 2 vols.

MÉLANGES de linguistique et de littérature offerts à M. Emanuel Walberg. Uppsala, 1938 (Constituem o tomo XI de *St. N*).

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. *Cantar de Mío Cid*. Texto, gramática y vocabulario, 3 vols. Tomos III-V das *Obras Completas*. Madrid, 1944-1946.

MEYER-LÜBKE, Wilhelm. *Einführung in das Studium der roman. Sprachwissenschaft*, 3 Aufl. Heidelberg, 1920. Trad. espanhola de Américo Castro: *Introducción a la lingüística románica*. Madrid, 1926.

- . *Grammaire des langues romanes*. Trad. francesa de Eugène Rabiet, Auguste Doutrepoint et Georges Doutrepoint, 4 vols. Paris, 1890-1906. G. E. Stechert, 1923.
- MICHAËLIS DE VASCONCELOS, Carolina. *Cancioneiro da Ajuda*. Edição crítica e commentada. Halle, 1904-1908, 2 vols.
- MÍO Cid*. Cf. MENÉNDEZ PIDAL.
- MONACI, Ernesto. *Crestomazia italiana dei primi secoli com prospetto grammaticale e glossario*. Città di Castello, 1912.
- . *Il canzoniere portoghese della Biblioteca Vaticana*. Halle, 1875.
- NORBERG, Dag. *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des frühen Mittellateins*. Uppsala, 1943.
- . *Beiträge zur spätlateinischen Syntax*. Uppsala, 1944.
- NUNES, José Joaquim. *Chronica da Ordem dos Frades Menores*. Coimbra, 1918, 2 vols.
- . *Evolução da língua portuguesa exemplificada em duas lições principalmente da mesma versão da Regra de S. Bento*. Coimbra, 1926.
- NUTTING, H. C. *Studies in Latin Syntax*. Univ. of California Publications in Classical Philology 1925-1932, 18 fascículos.
- NYROP, Kr. *Grammaire historique de la langue française*. Copenhague, 1935, 6 vols.
- . *Das Leben der Wörter*. Trad. alemã de Robert Vogt. Leipzig, 1903
- ORDENAÇÕES de D. Manuel*. Coimbra, 1797, 3 vols.
- PAR, Anfós. *Sintaxi catalana segons los escrits en prosa de Bernat Metge (1398)*. Beihefte zur *Zr Ph.*, n° 66. Halle, 1923.
- PAUL, Hermann. *Prinzipien der Sprechgeschichte*. 5 Aufl. Halle, 1920.
- PINTO, Heitor. *Imagem da vida christam*. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1843, 2 vols.
- PRESTES, Antônio. *Autos*. 2ª ed. Edição revista por Tito de Noronha. Porto, 1871.
- QUENTAL, Bartolomeu. *Meditações das domingos do anno*. Lisboa: Na Officina de Miguel Deslandes, 1696, 2 vols.

REGRA de S. Bento. Cf. NUNES.

REINHARDSTOETTNER, Carl von. *Grammatik der portugiesischen Sprache*. Strassburg, 1878.

RICHTER, Elise. *Ab im Romanischen*. Halle, 1904.

———. Über Homonymie. In *Festschrift für Paul Krestschmer*. Wien – Leipzig – New York, 1926, p. 167-201.

RIEMANN, Othon. *Études sur la langue et la grammaire de Tite-Live*. 2^e éd. Paris, 1885.

RIEMANN, O.; LEJAY, P.; ERNOUT, A. *Syntaxe latine*. 7^e éd. Paris, 1942.

RL – Revista Lusitana. Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal. Porto e Lisboa, 1887 e seguintes.

SAID ALI, Manuel. *Grammatica historica da lingua portuguesa*. 2^a edição melhorada e aumentada da *Lexeologia e Formação de palavras e syntaxe do portuguez historico*. Rio de Janeiro, 1931.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística general*, publicado por Chrales Bally e Albert Secheyaye, con la colaboración de Albert Riedlinger. Traducción, prólogo y notas de Amado Alonso. Buenos Aires, 1945.

SÄVBORG, T. Les sources de la préposition *dès*. In *Mélanges de philologie offerts à M. Johan Melander* 21-3-1943, p. 1-46.

SAW. = *Sitzungsberichte der phil.-hist. Klasse der Akademie der Wissenschaften zu Wien*.

SCHMALZ, J. H.; HOFMANN, Jph. Bapt. Syntax und Stilistik. In *Lateinische Grammatik*, 5, Aufl. Münchenm 1928.

SCHRADER, O.; NEHRING, A. *Reallexikon der indgermanischen Altertums – Kunde*, Berlin und Leipzig, 1917-1929, 2 Aufl.

SILVA DIAS, Augusto Epifânio. *Grammatica latina*, de J. N. Madvig. Tradladada do alemão para portuguez. Porto, 1872.

———. *Obras de Christóvão Falcão*. Edição crítica. Porto, 1893 (Cita-se a página e a estância).

———. *Os Lusíadas*. Cf. CAMÕES.

———. *Syntaxe Historica Portuguesa*. Lisboa, 1918. 2ª ed., 1933.

SNEYDERS DE VOGEL, K. *Syntaxe historique du français*. Groningue, La Haye, 1919. 2^e éd. 1927.

SNEYDERS DE VOGEL JR., K. Het probleem der Germaans – Rommase Syntaxis beïnvloeding; een verwaaloosde factor tot zijn oplossing. In *Neophilologus*, XXXII, 142-152.

SOUSA, Luís de. *Annaes de El Rei Dom João Terceiro*, publicados por A. Herculano. Lisboa, 1844.

———. *História de S. Domingos*, 1ª parte. Lisboa, 1623.

———. *Vida de D. Fr. Bertolameu dos Martyres*. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1818, 2 vols.

SPITZER, Leo. *Aufsätze zur romanischen Syntax und Stilistik*. Halle, 1918.

St. N – Studia Neophilologica. Uppsala, Suède, 1928 e seguintes.

STOLZ, F.; LEUMANN, M. Einführung. Laut-und Formenlehre. In *Lateinische Grammatik*. 5 Aufl. München, 1928. Faz parte do *Handbuch der Altertumswissenschaft*).

STUDIES in honor of Hermann Collitz. Baltimore, 1930 (Cf. ERICSON).

TILANDER, Gunnar. *Los Fueros de Novenera* (Leges Hispanicae Medii Aevi, II). Stockholm, 1951.

ULLMANN, S. *Précis de sémantique française* (Bibliotheca Romanica, IX). Berne, 1952.

VENDRYÈS, Joseph. *Le langage, introduction linguistique à l'histoire*. Paris, 1921.

VICENTE, Gil. *Obras de Gil Vicente*. Lisboa, 1852, 3 vols.

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Reprodução facsimilada da 1ª edição, de 1679 e seguintes 16 vols. São Paulo, 1943-1945.

VONDRÁK, W. *Vergleichende slavische Grammatik*. Göttingen, 1906-1908. 2 Aufl. 1924-1928.

WACKERNAGEL, Jacob. *Vorlesungen über Syntax mit besonderer Berücksichtigung von Griechisch, Lateinisch und Deutsch*. Basel, 196-1928. Nova tiragem em 1950.

WARTBURG, Walter von. *Évolution et structure de la langue française*. 3^e éd. Berne 1946 (Bibliotheca Romanica, I).

WEDKIEWICZ, Stanislaus. *Materialien zu einer Syntax der italienischen Bedingungssätze*. Halle, 1911 (*Beihefte zur Zr. Ph.*, XXI).

WUNDT, Wilhelm. *Völkerpsychologie*, Bd. I, Die Sprache. 3. Aufl. Strassburg, 1911-1912.

———. *Logik*, Stuttgart, 1906.

Zr Ph. Zeitschrift für romanische Philologie, Halle, 1877 e seguintes.